Obesidade
Continuamos a engordar. E temos culpa?

P2

Europa
Há três florestas que emitem mais gases poluentes do que absorvem

Ciência e Ambiente, 22/23

MARIANA GODET

Público

Reportagem
Depois do silêncio, Violeta voltou a ouvir aos 84 anos

P2

Cada vez mais mulheres optam por congelar óvulos para adiar a gravidez

Os dados do Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida revelam tendência de crescimento consistente. Em 2023, mais de metade das criopreservações foram por razões sociais Destaque, 2/3

Médio Oriente
Ataque israelita mata 90 palestinianos em Khan Younis

Mundo, 18

Energia
Espanha lidera importação europeia de gás russo

Economia, 20/21

Eleições na Venezuela
Já se ouve o canto do cisne do "chavismo"

Arranca a campanha para as presidenciais, que têm lugar no dia 28 Mundo, 16/17

Paulo Núncio
"Estão reunidas condições para Orçamento ser viabilizado"

Política, 8 e 10

ISNN-0872-1556

Mais de cinco mil mulheres preservaram óvulos desde 2017. Mais de metade por razões sociais



Michelle Cascais é licenciada em Ciências da Comunicação e vive em Ave

Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida revela uma tendência de crescimento consistente desde 2017

Ana Cristina Pereira

Aos 33 anos, Michelle Cascais estava sem parceiro/a e passava grande parte do tempo a liderar grupos em viagem pelo mundo fora, mas não queria desistir da ideia de ser mãe. Decidiu congelar ovócitos, como outras 5093 mulheres, 3553 das quais por razões sociais.

Sobe de ano para ano o número de mulheres que segue caminho idêntico, desde que em 2017 foi regulada a criopreservação de gâmetas (ovócitos ou espermatozóides) ou tecidos reprodutivos (ovocitário ou testicular) para uso futuro. Antes disso, a prática era residual. Até porque só em 2016 foi alargada a procriação medicamente assistida a todas as mulheres, estando sozinhas ou em casal heterossexual ou homossexual.

Os dados fornecidos pelo Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida (CNPMA) revelam uma tendência de crescimento consistente (259 em 2017, 342 em 2018, 505 em 2019). Travada pela pandemia de covid-19 (507 em 2020), logo recuperou (766 em 2021, 849 em 2022, 1197 em 2023, 515 nos primeiros seis meses deste ano).

A legislação portuguesa prevê quatro hipóteses de as mulheres, em casal ou sozinhas, preservarem o seu potencial reprodutivo: uma doença que obriga a tratamentos agressivos para as células reprodutoras, como quínio e/ou radioterapia; uma doença genética que leva à perda precoce da função ovárica; uma cirurgia que compromete as funções ovárica e/ou uterina; o desejo de adiar a gravidez e, ao mesmo tempo, diminuir os efeitos do envelhecimento dos ovócitos.

Carla Rodrigues, presidente do CNPMA, chama a atenção para o peso cada vez maior das razões sociais. No início, a diferença era mínima – 124 criopreservações motivadas por doença e 135 por razões sociais em 2017. À medida que o tempo passa, a diferença vai-se alargando. Em 2023, houve 320 por doença para 877 por razões sociais.

Motivações diversas

O que está por trás desta tendência? A precariedade laboral? O desencontro entre salários e preço da habitação, que obriga a viver com os pais ou a partilhar casa com amigos ou conhecidos até mais tarde? As dificuldades de conciliação entre vida profissional e vida pessoal e familiar? A ambição profissional? Ou a dificuldade de encontrar parceiro/a ideal para um projecto de parentalidade?

"Os casos que tenho tido no meu centro são de mulheres que não têm companheiro ou até têm, mas continuam com dúvidas sobre se será com aquela pessoa que querem ter um filho", diz Alberto Barros, professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, membro do CNPMA e director de um centro. "Nunca tive situações relacionadas com as expectativas de carreira. Se for a esperar por estabilidade, hoje, só no *post mortem*."

Vladimiro Silva, director científico de três centros, depara-se com motivações variadas. Nas consultas, tanto se encontra mulheres que revelam não ter ainda encontrado o par ideal como mulheres que admitem não ter ainda reunido "condições económicas, profissionais, habitacionais" para ter um filho.

O caso de Michelle Cascais é exemplar. Sempre se imaginou a ser mãe. "Pensava que aos 25 anos já estaria casada e com filhos", conta. "Aos 23 anos, estava muito longe disso. Tinha acabado uma relação."

Licenciada em Ciências da Comunicação e sem perspectivas de emprego na área, decidiu emigrar para os Estados Unidos, onde nascera e vivera o primeiro ano de vida. Serviu bebidas num bar, foi assistente no negócio imobiliário, lançou um blogue.

Parecia estar tudo encaminhado. "Conheci uma pessoa. Casei-me. Pensei que daríamos esse passo. Falámos muito nisso." Ia ser uma maternidade partilhada. Ela seria mãe biológica (engravidaria) e a companheira seria mãe genética (contribuiria com os óvulos). "Não aconteceu."

De volta a Portugal, dedica-se às redes sociais. Autora de dois romances, soma milhares de seguidores. Tornou-se líder de viagem de duas agências. De repente, ia nos 33 anos e não tinha parceiro/a. "Achei que seria um passo mais consciente a dar, congelar os meus óvulos enquanto estão bons e saudáveis para no futuro realizar o meu sonho de ser mãe."

"Não é um procedimento barato, mas não sei se a pessoa certa vai aparecer nem quando, e pode ser tarde", concede. Na clínica a que recorreu, preservar o potencial reprodutivo por cinco anos custa 2800 euros, medicação não incluída.

877

mulheres congelaram óvulos em 2023 por razões sociais

"Não é uma panaceia"

"A literacia reprodutiva é hoje maior do que nunca", observa Vladimiro Silva. "Começa a haver uma maior consciência da fertilidade feminina. A partir dos 35 anos a fertilidade começa a diminuir e a partir dos 40 cai a pique."

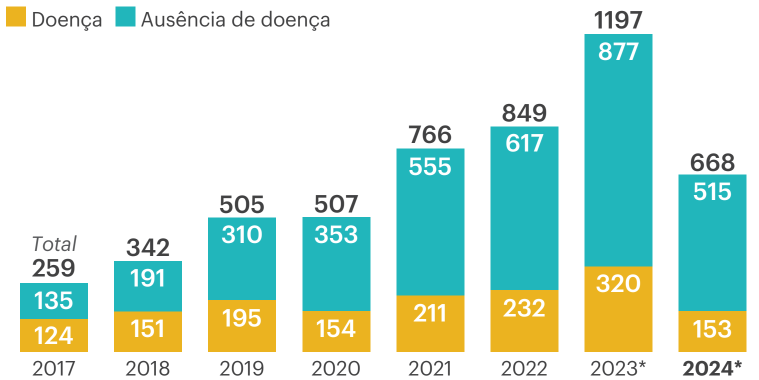
"Há uma propagação cada vez mais galopante de informação, mas também cada vez há mais mensagens demagógicas e potencialmente perigosas", adverte, por sua vez, Alberto Barros. "Dão a ideia que é possível a mulher ficar descansada muitos anos.

ADRIANO MIRANDA

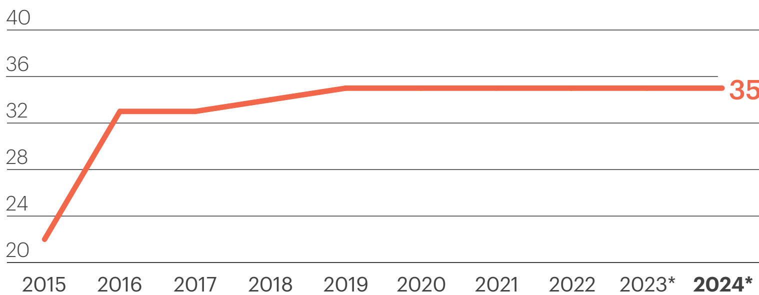


iro

Preservação de potencial reprodutivo feminino



Idade média da mulher



*Dados provisórios

Fonte: Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida

PÚBLICO

Isto não é numa panaceia."

A criopreservação assegura uma reserva de células reprodutoras, não uma gravidez. "Embora as taxas médias de recuperação após congelação ultrapassem nos bons centros os 80 ou 90%, uma coisa são as taxas médias e outra cada caso específico", esclarece Alberto Barros.

Miguel Oliveira da Silva, obstetra-ginecologista no Hospital de Santa Maria e professor de Ética Médica na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, também alerta para a necessidade de manter os pés bem assentes na terra. "A percentagem de mulheres que congela ovócitos e passados 10 anos tem uma criança com eles é inferior a 50%."

Não contam só os óvulos. "O útero dos 30 anos não é igual ao dos 40 anos", sublinha Miguel Oliveira e Silva. Com o tempo, aumentam as hipóteses de miomas, infecções e outras complicações que podem comprometer a possibilidade de engravidar e de manter a gravidez. Uma vez grávida, aumenta a probabilidade de hipertensão, de diabetes gestacional...

Vladimiro Silva vê nas "mulheres que procuram este tipo de solução interesse em obter informação objectiva, científica". Quantos óvulos é expectável que tenha? Qual a probabilidade de sobreviverem? De quantos óvulos precisa para ter um filho? Qual o limite de idade para recorrer a técnicas de procriação medicamente assistida?

Idade média nos 35 anos

Segundo a CNPMA, é de 35 a idade média das mulheres que decidem preservar o potencial reprodutivo. Qual a idade mais indicada? "Parece-me precipitado antes dos 30", responde Alberto Barros, lembrando que é necessário fazer estimulação ovárica. "Será mais correcto até aos 36. A partir dos 37, há maior risco de os ovócitos terem alterações cromossómicas. Não aceito fazer a partir dos 40."

Não por acaso, os tratamentos de procriação medicamente assistida só têm financiamento público até aos 40 anos da mulher para técnicas de fertilização *invitro* e microinjecção intracitoplasmática de espermatozóides e até aos 42 anos para inseminação artificial. Em caso de doença grave, o limite é 50.

Michelle avançou em Fevereiro. "Tive muitas pessoas a perguntar pelos valores e se o procedimento tinha sido doloroso, mais para perceber se era viável para elas do que para perceber a minha motivação."

Vai nos 34 anos. Antes dos 40 avançará com uma gravidez. "Nesta altura, penso que se tiver de ser mãe solteira vou sê-lo." Terá de alterar o estilo de vida para encaixar o projecto de maternidade. "É um risco continuar a adiar à espera que apareça alguém. Isto é válido para ir ao cinema sozinha, viajar sozinha, ter um filho sozinha."

Enfrentam dificuldades

Preservaram material reprodutivo 160 pessoas trans

Ana Cristina Pereira

Os dados registados pelo Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida revelam um crescimento progressivo do número de pessoas transgénero que optam por preservar o seu potencial reprodutivo em Portugal: 10 em 2020, 24 em 2021, 32 em 2022, 55 em 2023.

A pioneira foi Daniela Filipe Bento, actual presidente da ILGA Portugal. Teve de bater o pé até o sistema incluir "situações de mudança de sexo, previamente à terapêutica (hormonal/cirúrgica)".

Em Julho de 2015, tinha tudo pronto para mudar o nome e a menção ao sexo na conservatória do registo civil e para avançar para o tratamento hormonal. O médico de família encaminhou-a para o Serviço de Endocrinologia do Hospital de Santa Maria (Lisboa), que a encaminhou para o Departamento de Obstetrícia, Ginecologia e Medicina Reprodutiva.

Primeiro entrave: o sistema não previa a possibilidade de uma mulher preservar uma amostra de esperma. Por sorte, Daniela ainda não tinha mudado os documentos. Outro entrave: o sistema não aceitava um diagnóstico de saúde mental. Daniela foi ao gabinete do cidadão explicar o seu caso. Ao fim de seis meses, conseguiu por fim preservar gâmetas.

Decorria Fevereiro de 2016. No ano seguinte, seis pessoas trans deram o mesmo passo. No ano seguinte, outras quatro. No ano seguinte, outras 12. Contando com



as 17 que o fizeram este ano, o Conselho Nacional soma 160.

Alberto Barros, membro do conselho e director do Centro de Genética da Reprodução Prof. Alberto Barros, aventa duas hipóteses. "Por um lado, há cada vez mais informação. Por outro, não me passa pela cabeça que a intervenção médica não inclua informar as pessoas sobre a possibilidade de preservação dos gâmetas. Há um dever de informação que o médico tem de cumprir. As pessoas têm direito de decidir."

O órgão regulador não esclarece quantas pessoas trans usaram tecidos preservados em procedimentos de procriação medicamente assistida. Mas já antes tinham recorrido a inseminação artificial casais formados por um homem trans com processo de transição concluído e mulher cisgénero, isto é, que se identificam com o género atribuído à nascença, em cujo útero fora depositado esperma de um dador.

Vladimiro Silva, director científico de três centros autorizados a executar técnicas de procriação medicamente assistida, tem lidado com alguns destes casos. Ainda há três semanas, uma mulher trans pediu para preservar esperma, dizendo que pensa usá-lo no futuro, com a namorada.

"Temos sempre de validar com o Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida, porque muitas vezes não é claro, há muita complexidade associada", diz.

Ocorre-lhe um exemplo autorizado, envolvendo um casal formado por uma mulher e um homem trans. "O casal pretendia realizar a técnica de fertilização recíproca. A pessoa com identidade masculina e aparelho reprodutor feminino faria a estimulação ovárica. Os seus ovócitos, depois de fertilizados, seriam transferidos para o útero da companheira."

Também lhe vem à memória um exemplo não autorizado, envolvendo um homem cis e um homem trans. "A pessoa com identidade civil masculina e órgãos sexuais femininos queria engravidar e o conselho não autorizou. Argumentou que estas técnicas se destinam apenas a casais heterossexuais, mulheres sem parceiro e casais de mulheres."

Alberto Barros explica que as situações fora do comum "carecem de análise individual". Até "ficou na legislação que os directores dos centros têm direito de exigir avaliação psicológica dos beneficiários".

Futebol de sonho e de horror

Editorial



David Pontes



Na mesma semana em que o futebol-espectáculo nos dava uma nota de esperança, o futebol, desporto praticável em qualquer circunstância, vinha colado a mais uma notícia da desgraça dos palestinianos

O futebol continua a ter o poder de gerar histórias capazes de inspirar milhões de homens, mas também tem o poder de nos devolver todo o absurdo de que o homem é capaz.

Hoje subirá ao palco para a final do Europeu o sucessor de Pelé, que aos 17 anos e 244 dias foi o mais jovem de sempre a marcar por uma selecção na fase final de uma grande competição internacional de futebol. Lamine Yamal fê-lo com 16 anos e 362 dias pela selecção espanhola, ajudando a sua equipa a chegar à final. Para comemorar o golo, fez com os dedos o número 304, numa chamada de atenção para as suas origens.

Filho de pai marroquino e mãe nascida na Guiné Equatorial, cresceu no bairro estigmatizado de Rocafonda, em Barcelona, onde mais de 30 por cento da população é de origem estrangeira. O 304 são os dígitos finais do código postal de Rocafonda, um daqueles locais que o Vox gosta de qualificar como "esterqueira multicultural", e onde o jovem futebolista é agora um motivo de orgulho e inspiração para todos os que tentam quebrar o círculo da pobreza e do preconceito.

Na mesma semana em que o futebol-espectáculo nos dava esta nota de esperança, o futebol, desporto praticável em qualquer circunstância, em qualquer geografia, vinha colado a mais uma notícia da desgraça a que Israel continua a submeter a Palestina. Um ataque aéreo no Sul de Gaza matava pelo menos 29 pessoas à porta de uma escola na cidade de Abassan, a leste de Khan Younis, no Sul de Gaza, onde se realizava um jogo de futebol. As imagens de vídeo que circulam nas redes são terríveis ao mostrar-nos como num segundo se passa de um pacífico jogo de futebol para o horror dos corpos despedaçados espalhados pelo chão.

A repetição das imagens do terror a que está sujeita a população civil da Palestina não pode redundar num embrutecimento, pela rotina, da nossa consciência de todo o mal que tem gerado o Governo de Israel. Continua a ser necessária a denúncia firme e a responsabilização por estes crimes.

Como continua a ser necessário perguntar aos responsáveis pelos países que esta semana se reuniram para a importante cimeira dos 75 anos da NATO se o respeito que professam pela Carta das Nações Unidas, pelos valores liberais e pelas regras do Estado de direito não se aplica a Israel. O justo empenho que demonstraram na causa ucraniana vive ferido pela hipocrisia que revelam em relação ao conflito na Palestina. É possível fazer muito mais e eles sabem-no.

CARTAS AO DIRECTOR

Existe mesmo uma "esquerda radical"?

Tempos houve em que, pelo menos no campo das artes, da moda, do espectáculo, etc., ser-se radical era uma mais-valia. A breve trecho, porém, passou a anátema. Os comentadores políticos e os fazedores de opinião da nossa praça usam e abusam do termo 'radical' para fomentar no cidadão comum a tese de que existe uma direita e uma esquerda radicais, ambas inaceitáveis e, na mesma dose, igualmente perigosas para os sistemas democráticos.

Nada mais falso: trata-se de uma estratégia de há muito ensaiada, e com origens reconhecíveis, que visa inclinar a balança da análise política em favor de uma pretensa moderação e equidistância cada vez mais 'centrista'.

Em Portugal, torna-se mesmo escandalosa essa estratégia, que vai contaminando aos poucos os media, desde a imprensa escrita ao comentário televisivo e às redes sociais. Sim, existe uma direita radical, xenófoba, populista e, no limite, saudosista do velho Estado Novo. Mas pode ela, com plena honestidade, ser posta em paralelo com uma chamada 'esquerda radical' que pura e simplesmente não existe? Acaso o PCP, partido da resistência à ditadura, que é um dos fundadores da nossa democracia e um dos arquitectos da Constituição de Abril, pode ser chamado radical? Ou o Livre, o PEV, e mesmo o BE?

O mesmo se passa nas eleições dos EUA. No caso das eleições francesas, que as esquerdas unidas acabam de vencer contra todas as previsões, essa estratégia é ainda mais visível. Pergunto se pode a extrema-direita de Marine Le Pen, populista, radical e xenófoba, ser o antípoda dos valores de Liberdade, Igualdade e Fraternidade promulgados no programa comum das esquerdas, que o eleitorado maioritariamente sufragou.

Não, não existe uma esquerda radical (pelo menos em Portugal não se vislumbra que exista)! Que haja, no mínimo, honestidade quando se fala e comenta política, que é uma coisa muito séria.

Vítor Serrão, Santarém

Socialistas preocupados

Excelente artigo do PÚBLICO, na sexta-feira, com o título em epígrafe. Só estranho que tenha demorado tanto tempo até aparecerem notícias sobre socialistas preocupados com Pedro Nuno Santos (P.N.S.) e com a sua liderança do PS. Para mim, sempre foi evidente que P.N.S. não era líder para o PS, tal como nós sempre vimos o PS desde 1974. Mas a verdade é que foi eleito por 61% dos militantes... ter-se-á criado aqui uma psicose colectiva (como há outras) difícil de explicar.

P.N.S. está deslocado no PS. Começando pela sua fácies, continuando com a sua forma de falar, a sua entoação, as suas ideias, tudo indicaria que militasse no Bloco de Esquerda (BE) ao invés do PS. Aliás, se o PS insistir em ter P.N. S. como líder e ainda assim quiser voltar ao poder, talvez fosse de considerar uma fusão do PS com o BE, certamente facilitada pelo facto de P.N.S. ser padrinho (?!) de Mariana Mortágua, portanto tudo em boa harmonia. Pensem nisso.

Fernando Vieira, Lisboa

Por favor, não brinquem às escolas

Não sou professor. Por casualidade ou não, o "ranking" das escolas foi tornado público na altura das inscrições dos alunos para o ano lectivo de 2024-2025. Coincidência? Talvez não. O "ranking" das escolas é, em si mesmo, a maior e mais completa distorção da realidade educativa portuguesa. A escola pública em Portugal tem, e ainda bem que assim é, de acolher todos os alunos, os que querem estudar e os que não querem estudar e todos os que têm necessidades especiais.

Quantos colégios aceitam alunos com más notas ou necessidades especiais? Quanto custa a mensalidade nos colégios bem classificados? Que exigências são feitas nesses colégios na altura da pré-inscrição em termos de notas anteriormente obtidas? Não devemos, se quisermos ser intelectualmente honestos, comparar o que, à partida, não é comparável, por muito que isso custe aos directores dos colégios.

Quantas famílias em Portugal podem despender este dinheiro? Esta é a questão. Digam lá, então, se é possível comparar escolas onde, logo à partida, o factor essencial é o poder económico dos pais dos alunos? Deixem-se de histórias e façam "rankings" só para os públicos, pois estes, por todas as razões já apontadas e conhecidas por todos os pais deste país, não poderão nunca ser comparados directamente com os colégios, onde o poder económico dos pais dos alunos é factor fundamental e decisivo para a sua ida para esse tipo de estabelecimentos de ensino.

O trabalho que todos os anos, dia após dia, os professores das escolas públicas fazem para que, apesar das dificuldades diárias dos seus alunos, consigam obter os melhores resultados possíveis deve ser enaltecido e apreciado. Os professores da Escola Pública merecem respeito do governo e da sociedade.

Manuel Morato Gomes, Senhora da Hora

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles **cartasdirector@publico.pt**

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

O tempo tudo clarifica e não há estado de espírito que se mantenha inalterado com o passar das horas
Thomas Mann, escritor

O NÚMERO

12-18

Atendimento nos consulados só será normalizado num período de 12 a 18 meses, estima o Governo

A revolução está no bolso

Ainda ontem



Miguel Esteves Cardoso

Vivemos durante a revolução do telemóvel. Os adversários do telemóvel, que só muito, muito raramente não tiram partido do telemóvel, são os que já tinham tudo – livros e discos – aquilo que o telemóvel trouxe a quem não tinha nada.

Até a revolução de Gutenberg é coisa pouca, comparada com a conjunção de um computador pessoal, de uma central de telecomunicações e da Internet num só aparelho portátil que custa por mês, incluindo a amortização do telemóvel, um dia de trabalho com o salário mínimo.

Mesmo no meio de uma revolução, em que não se repara em nada, é possível maravilhar com este simples facto: por custo zero, com muito pouco esforço da minha parte, posso enviar para cem amigos meus todos os livros e todos os discos e todas as pinturas e fotografias e todos os filmes e todas as danças que eu considerar serem as maiores obras-primas dos últimos séculos.

Gutenberg inventou uma maneira de tornar os livros mais fáceis de imprimir - mas era preciso comprá-los. O acesso aos livros melhorou muito, mas o número de pessoas que não tinham acesso aos livros continuou a ser enorme.

Quem fosse pobre precisava de um rico para o ajudar: a ler, a ter acesso aos livros, a ter tempo para essas coisas. Os ricos tornaram-se ainda mais importantes. Tornaram-se em porteiros, em *gatekeepers*: só passava quem lhes apetecesse. Se quisessem publicar um livro ou gravar um disco, precisavam de um porteiro que lhes abrisse a porta e lhes desse dinheiro para avançar.

Mas hoje, graças aos telemóveis inteligentes, esses porteiros já não são importantes. Já não é preciso perder tempo a tentar contactá-los, ou a arranjar graxa para engraxá-los. Num segundo, graças às redes sociais, um jovem sem dinheiro nem paciência para aturar ninguém pode, de um momento para o outro, publicar uma obra-prima ou um contentor cheio de lixo.

É como se Gutenberg tivesse posto uma impressora em cada casa – mas uma impressora ligada a todas as bibliotecas do mundo.

ZOOM KIEV, UCRÂNIA

SERGEY DOLZHENKO/EPA



A Orquestra Clássica de Kiev faz uma actuação em homenagem às vítimas mortais de um ataque russo contra um hospital pediátrico na capital ucraniana realizado na passada segunda-feira, dia 8 de Julho

P

publico.pt 

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Junho **18.738 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

Vencer o cepticismo democrático



Frei Bento Domingues O.P.

Os que lutam contra as ditaduras têm de vencer a indiferença e a passividade de muitos perante os rumos dos movimentos sociais

1. Realizou-se a 50.ª Semana Social dos Católicos de Itália, em Trieste, com o tema No coração da democracia. Participar entre história e futuro. O Papa esteve presente no encerramento dessa semana, dia 7, de forma muito activa, a começar por uma antologia dos seus discursos e mensagens com o mesmo tema. Além da apresentação do livro, temos de ter em conta o discurso que proferiu e a importante homilia da missa.

A presença de Francisco, no nosso mundo, não é de conformismo, de cedência ao que está a acontecer, mas de mudança. Ao procurar redescobrir o que é a democracia, aponta os perigos que, hoje, está a correr e o contributo original que o Cristianismo pode e deve oferecer ao mundo contemporâneo. Ao dar sentido à nossa história, alimenta a esperança sem a qual não há futuro.

O Papa lembrou que *democracia* é um termo que se originou na Grécia antiga para indicar o poder exercido pelo povo por meio dos seus representantes. Uma forma de governo que, embora se tenha difundido globalmente, nas últimas décadas parece estar a sofrer as consequências de uma doença perigosa, o *cepticismo democrático*.

A dificuldade das democracias em assumir a complexidade do tempo presente cede, muitas vezes, ao fascínio do populismo. A democracia tem em si um grande e indubitável valor: o de trabalharmos e vivermos *juntos* em liberdade. O facto de o exercício do governo se realizar no contexto de uma comunidade que se confronta, livre e secularmente, na arte da procura do bem comum é um nome diferente para o que chamamos *política*.

No discurso, aos 1200 participantes da Semana Social, afirmou: "A própria palavra *democracia* não coincide simplesmente com o voto do povo, mas exige que se criem as condições para que todos se possam expressar e participar. E a participação não se pode improvisar: aprende-se desde criança, adolescente, e deve ser *treinada*, também no sentido crítico, perante as tentações ideológicas e populistas. Nesta perspectiva, o Cristianismo pode contribuir, promovendo um diálogo fecundo com a comunidade civil e com as instituições políticas. Só assim será possível libertar-se das *escórias da ideologia*, reflectindo de modo comunitário, especialmente sobre os temas relacionados com a vida humana e com a dignidade da pessoa."



GABRIELE CROZZOLI/EPA

O caminho democrático exige debater juntos e saber que só juntos podemos encontrar solução para os problemas.

2. Em última análise, é na palavra *participar* que encontramos o sentido autêntico da democracia e entramos no coração de um sistema democrático. Num regime de ditadura ou dirigista ninguém pode participar, todos assistem ou sofrem passivamente.

Uma verdadeira democracia não exclui ninguém nem nenhum país. Nós sabemos o que foram e são os regimes de ditadura. Sem democracia não há paz.

É esta forma de governo que ajuda as pessoas a serem cada vez mais livres, fraternas e criativas. Os totalitarismos são formas de dominação. Na vida social, o importante é perguntar *em que posso eu ajudar*, vencendo a tentação de *dominar*.

O Papa deu como exemplos de actuação democrática Giuseppe Toniolo (1845-1918), inspirador e fundador das próprias Semanas Sociais, e o famoso político católico italiano Giorgio La Pira (1904-1977) – um grande amigo –, que defendia para o laicado a capacidade de *organizar a esperança*, porque, sem ela, pode administrar-se o presente, mas não se constrói o futuro.

Já evoquei, nesta coluna, os leigos e padres portugueses que muito sofreram e lutaram pelo derrube da ditadura que nos oprimiu até ao 25 de Abril [1]. E agora, entre nós, também existem organizações políticas cansadas da democracia.

Os que lutaram e lutam contra as ditaduras têm de vencer a indiferença – *cancro da democracia* – e a passividade de muitos perante os rumos dos movimentos sociais.

Em Trieste, o Papa lembrou que são muitas as questões sobre as quais, democraticamente, somos chamados a interagir. Pensemos num acolhimento inteligente e criativo, que coopera e integra as pessoas migrantes; pensemos no *inverno demográfico* que afecta agora, de forma generalizada, toda a Itália e não só; pensemos na escolha de políticas autênticas para a paz, que coloquem em primeiro lugar a arte da negociação e não o recurso ao rearmamento. Em resumo, aquele cuidado pelos outros, que Jesus nos indica continuamente no Evangelho, como a atitude autêntica de ser pessoa, de sermos humanos.

3. Poderíamos dizer que, tanto no livro que apresentou, no discurso que fez e na eucaristia que celebrou, foi o tema da esperança que esteve sempre presente. Foi mesmo para a despertar que Deus suscitou e suscita profetas entre o povo.

Na celebração da eucaristia, questionou muitas das nossas representações da fé cristã e lembrou que são os profetas que não deixam adormecer a esperança. São a voz de Deus, muitas vezes rejeitados. O próprio Jesus teve a mesma dolorosa experiência dos profetas, tornando-se escândalo para os seus conterrâneos.

A palavra *escândalo* não se refere a algo obsceno ou indecente como a usamos hoje. Na homilia do Papa, *escândalo* significa a própria humanidade de Deus manifestada em Jesus de Nazaré.

Os seus conterrâneos não conseguiam entender como do filho de José, o carpinteiro – uma pessoa comum –, poderia surgir tanta sabedoria e até mesmo a capacidade de realizar prodígios. Sob o ponto de vista teológico, o *escândalo é a própria humanidade de Jesus*, Deus humanado. O obstáculo que impede de reconhecer a presença de Deus em Jesus é o facto de Ele ser humano. Este *escândalo* é uma fé fundada num Deus que faz parte da humanidade, que cuida dela, que se comove com as nossas feridas, que toma sobre si o nosso cansaço, que se parte como pão para nós.

Hoje, precisamos exactamente desse *escândalo da fé*. Não de uma religiosidade fechada em si mesma, que ergue o olhar para o céu sem se preocupar com o que acontece na terra, e celebra liturgias no templo, esquecendo-se da poeira que corre pelas nossas estradas.

Precisamos do *escândalo da fé*, de uma fé enraizada no Deus que se fez humano e, portanto, de uma fé humana, de uma fé de carne, que entra na história, que acaricia a vida das pessoas, que cura os corações partidos, que se torna fermento de esperança e germe de um mundo novo.

Deus esconde-se nos cantos escuros da vida e das nossas cidades. A Sua presença revela-se, precisamente, nos rostos escavados pelo sofrimento e onde a degradação parece triunfar.

O infinito de Deus está escondido na miséria humana, o Senhor agita-se e torna-se presença amiga, precisamente, na carne ferida dos últimos, dos esquecidos e dos descartados. Ali, Deus se manifesta [2].

Precisamos de uma teologia, de uma espiritualidade, de uma forma de viver que liguem o céu e a terra.

[1] *Novos e velhos rostos da Igreja*, *in* Público 29.04.2024; *Memória e presos políticos no 25 de Abril*, ibidem 05.05.2024

[2] Cf. www.vatican.va 07.07.2024

Escreve ao domingo

Restituir os arquivos coloniais



João Moreira da Silva

Em 1890, o Ministério da Marinha e do Ultramar português enviou uma ordem para São Tomé e Príncipe: toda a documentação existente na colónia até ao ano de 1834, desde decretos governativos a correspondência privada, deveria ser remetida de imediato para Lisboa. Assim foi — até aos dias de hoje, a vasta maioria dos documentos sobre a ilha de São Tomé, desde o século XV até meados do século XIX, está arquivada no Arquivo Histórico Ultramarino, em Portugal.

No arquivo nacional de São Tomé, apenas encontramos documentos sobre a ilha a partir do ano de 1834. Um historiador santomense que queira estudar os 300 anos de história do seu próprio país antes de 1834 terá de se dirigir a Portugal; terá de pagar mais de 1000 euros apenas pelo seu voo, num país onde o salário médio é de pouco mais de 100 euros. Acresce a isto o processo de obter um visto para viajar e os custos de alojamento, dificilmente financiados por universidades locais. Coloca-se, assim, a grande pergunta: quem tem o direito de estudar a história de São Tomé e Príncipe?

Como sabemos, as reparações históricas estão na ordem do dia — um tema lançado de forma inadequada pelo Presidente, afastado de imediato pelo Governo, monopolizado pela extrema-direita e, infelizmente, desperdiçado pela esquerda parlamentar, que não pareceu capaz de formular propostas concretas sobre o assunto até ao momento. Recentemente, discutiu-se (de forma inconclusiva) a devolução de "bens culturais" de museus numa audição parlamentar com a ministra da Cultura. Sobre os arquivos coloniais, nem uma palavra foi dita.

O caso de São Tomé e Príncipe é um exemplo paradigmático para pensarmos nesta questão: trata-se de um território que foi colonizado por Portugal e cuja vasta maioria do espólio documental continua a estar em Lisboa, quase 50 anos depois da independência. A história das ilhas é vedada aos santomenses pelas enormes dificuldades logísticas de visitar os arquivos portugueses. As narrativas escritas da história de São Tomé ficam, assim, nas mãos de investigadores estrangeiros — na sua maioria, portugueses — e de uma pequena minoria privilegiada santomense que consegue estudar em universidades europeias. A estas dificuldades no acesso à história, acresce-se a degradação dos documentos existentes nos arquivos de São Tomé — um país onde, segundo me contam, reside apenas uma pessoa com formação de arquivista, e onde há muito pouco dinheiro investido na preservação do património. Também isto é um legado do colonialismo português.

Uso o caso de São Tomé como exemplo, pois é aquele que conheço, mas podia estar a falar de tantos outros: espólios documentais da Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde ou Moçambique inacessíveis a historiadores locais, disponíveis apenas para quem se consegue dirigir aos arquivos portugueses. Por esta razão, é fundamental falar não apenas da devolução do património documental aos territórios que foram colonizados por Portugal, mas também em ações de cooperação para preservar o património já existente nos territórios africanos.

A restituição do património documental destes territórios à origem — um passo fundamental para permitir que a história não continue a ser contada apenas por investigadores estrangeiros, e que as populações locais tenham acesso direto aos documentos para estudar e contar a sua própria história — deve ser acompanhada de políticas de apoio aos arquivos locais já existentes. Falo, por exemplo, da formação de arquivistas, de contribuições financeiras para garantir as instalações adequadas para a preservação dos documentos, ou da doação de equipamento técnico, como *scanners*. A digitalização do acervo documental e a sua disponibilização *online* para o público é, também, um passo fundamental para universalizar o acesso ao conhecimento sobre o passado e para garantir que os documentos em estado de degradação são preservados e acessíveis em diferentes pontos do mundo.

A recuperação e preservação dos arquivos coloniais em países como São Tomé e Príncipe deve, por isso, ser uma questão central no debate sobre as reparações históricas, tal como já aconteceu entre França e a Argélia, com a restituição de mais de dois milhões de documentos digitalizados do arquivo colonial que estava em território francês. A devolução do património documental permitirá aos santomenses aceder aos 300 anos da sua história ausentes dos arquivos nacionais e dos próprios livros de história. Por outras palavras,



A recuperação e preservação dos arquivos coloniais deve ser uma questão central no debate sobre as reparações históricas, como aconteceu entre França e a Argélia

conquistarão o direito de contar a sua própria história; de estudar não apenas os massacres e outros crimes perpetrados pelo aparelho colonial português, mas também as histórias das suas famílias, das aldeias onde vivem, do seu dia a dia, das suas raízes. Um direito que os portugueses tomam por garantido sobre si próprios, mas que está longe de ser universal.

O Governo português tem, por isso, o dever de proceder a esta devolução do espólio documental a todos os territórios que foram colonizados, garantindo o apoio necessário à preservação do acervo documental em cada território e a sua digitalização. Cabe aos partidos ditos progressistas, finalmente, tomar a dianteira no debate das reparações históricas e avançar com propostas concretas sobre este assunto — desde a criação de uma Comissão Histórica do Colonialismo Português às devoluções de obras de arte e acervos documentais.

Para tal, é fundamental evitar as lógicas eleitoralistas, o medo da possível impopularidade destas propostas e uma postura meramente reativa a acusações espalhafatosas de "traição" feitas pela extrema-direita. Não é suficiente falar da importância das reparações — é preciso agir, em nome de todos aqueles que também querem contar a sua própria história.

Doutorando em História na Universidade de Cambridge

HUGO DELGADO



“Estão reunidas todas as condições para que o Orçamento seja viabilizado”

Paulo Núncio O líder parlamentar do CDS acredita que os portugueses “não entenderiam” que PS e Chega decidissem derrubar o Governo e aponta o reforço do investimento na Defesa como prioridade do partido

Entrevista

Liliana Borges Texto
Daniel Rocha Fotografia



No regresso do CDS à Assembleia da República, no mesmo ano em que o partido celebra 50 anos desde a fundação, a preocupação dos centristas passa muito por marcar diferenças face ao Chega. Com uma bancada de apenas dois deputados, Paulo Núncio, líder parlamentar e vice-presidente do CDS, defende o trabalho do partido e argumenta que as medidas do Governo são também as propostas do CDS, recusando a ideia de estar preso à sombra do PSD.

Na próxima sexta-feira, o CDS assinala os seus 50 anos. O CDS está em condições de garantir que não volta a sair do Parlamento?

O CDS é um partido institucionalista, fundador da democracia portuguesa. Representa uma direita com princípios e respeitadora das instituições democráticas. E é um partido com uma enorme experiência e credibilidade. Tem quadros credíveis que toda a gente conhece e com experiência de governo. Participou em nove governos desde a nossa Constituição e tem provas dadas ao país, em bons e maus momentos. Já fomos chamados a governar em situações em que o país estava em bancarrota e de insolvência e também já estivemos no governo em situações de crescimento económico. O CDS está a fazer o seu caminho de recuperação e veio para ficar.

Quais são essas bandeiras que o CDS deve adoptar nesta legislatura?

O CDS é um fervoroso defensor da redução de impostos. Tem posições muito claras sobre questões de segurança, sobre questões de reforço e dignificação das Forças Armadas. O CDS participou, activamente, na elaboração do programa eleitoral [da AD] e também no Programa do Governo. Muitas das propostas são também do CDS. E vejo com bons olhos que alguns partidos de oposição já falem publicamente da possibilidade de viabilização do Orçamento do Estado (OE). Os portugueses entenderiam mal que o país caísse novamente numa crise política. Não entenderiam que dois partidos, alegadamente sem nada em comum, decidissem derrubar o Governo sem qualquer alternativa.

A inviabilização é sinónimo de uma crise política ou admite que o país seja governado em duodécimos em 2025?

Não vou entrar nessa discussão. Acredito que estão reunidas todas as condições para que o OE seja viabilizado.

Se dependesse de si, a negociação para um acordo com os polícias teria sido diferente?

Durante a campanha eleitoral, a AD assumiu como prioritário a negociação com as forças de segurança para resolver uma injustiça que foi herdada do Governo PS. E, num espaço de 100 dias, chegou a acordo com a maior parte das associações representativas dos agentes da PSP e dos militares da GNR, que vão ter o maior aumento de sempre.

Essa posição mais institucional do CDS dá ao Chega espaço nas forças de segurança?

O CDS sempre foi o partido defensor das forças de segurança. É assim há 50 anos e continuará a ser assim daqui para a frente. Não é por acaso que um dos governantes do CDS é precisamente um governante que tem responsabilidades na Administração Interna. Telmo Correia tem, aliás, um papel decisivo nas negociações com os representantes da PSP e da GNR.

Mas o CDS perdeu eleitorado. Como é que se irá distanciar do Chega?

O Chega não é um partido institucional. Muitas vezes não é de direita e tem posições populistas, extremistas. A missão do CDS é diferente. E o contraste é absolutamente natural. É a diferença entre a gritaria e a substância. O CDS é um partido institucionalista, fundador da democracia, representando uma direita que respeita as instituições. Tem todas as condições para recuperar parte significativa do eleitorado perdido para o Chega.

Teme que o CDS possa vir a ser encarado como o PEV do PSD?

Não, o CDS tem 50 anos de história. É um partido autónomo, um partido fundador da democracia portuguesa e que tem de estar sempre preparado para ir a votos sozinho. Nestas eleições, o CDS foi decisivo para que a AD ganhasse as eleições, tendo em conta a margem que diferenciou a AD do PS. E o CDS é muito transversal. É um partido que tem representação em todos os órgãos nacionais, em todos os órgãos relativos regionais, do Parlamento, dos parlamentos regionais e do Parlamento Europeu. Tem uma forte presença

→

Defesa e jovens

Rejuvenescimento do partido e não deixar cair a Defesa como bandeira do CDS serão temas centrais nas jornadas parlamentares do CDS, que se realizam amanhã e terça-feira e contarão com alguns históricos do partido. No ano em que se assinalam os 50 anos da fundação do CDS, o local escolhido para o encontro foi, simbolicamente, o Parlamento, depois de nas últimas eleições o partido ter recuperado a representação parlamentar perdida em 2022. Entre os convidados e oradores, estão ex-líderes como Manuel Monteiro e Paulo Portas e ex-presidentes do grupo parlamentar, como Cecília Meireles e Nuno Magalhães.

autárquica, em mais de 40 executivos camarários.

Diz que o CDS deve estar preparado para ir a eleições sozinho. Quando?

Quando for o momento. Não quero fazer futurologia. Está previsto que este acordo de coligação inclua também as eleições autárquicas, que são eleições particulares, em que os dois partidos reconhecem a autonomia das estruturas locais e, por isso, as coligações que vierem a ocorrer resultam de entendimento entre as estruturas locais do PSD e do CDS. Em muitos casos, em muitos concelhos, é a única forma de combater e vencer a esquerda.

Entre mais de 400 iniciativas apresentadas no Parlamento desde o início da legislatura, apenas sete são do CDS e a maioria são assinadas com o PSD. Não teme que o CDS possa ser visto como uma muleta do PSD?

Pelo contrário. O CDS participou activamente na elaboração do programa eleitoral e na elaboração do Programa do Governo. As propostas que são apresentadas pelo Governo também são propostas do CDS. Deixe-me realçar uma iniciativa da maior importância que foi apresentada pelo CDS e que tem que ver com as comemorações anuais do 25 de Novembro no Parlamento.

Foi a única iniciativa com autoria exclusiva do CDS.

Foi uma grande vitória. É muito importante que os portugueses saibam e recordem anualmente que depois do 25 de Abril aconteceu o PREC.

Mas é uma medida sem efeito prático na vida das pessoas. Insisto: o CDS está a ter dificuldades para se impor no Parlamento?

Não, o CDS está no Parlamento para, em primeiro lugar, defender o programa eleitoral do nosso Governo. Volto a dizer, há muitas medidas que são apresentadas pelo Governo que foram trabalhadas pelo CDS.

Mas são apresentadas por caras do PSD. O CDS não fica na sombra do PSD?

Todas têm a marca do CDS. Na questão da redução de impostos, o CDS tem uma particular intervenção, quer na redução do IRS quer na redução do IRC. A proposta que é hoje [quinta-feira] apresentada pelo Governo corresponde à continuação da reforma do IRC, que foi aprovada em 2014, quando o CDS também estava no Governo e em que eu, enquanto secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, tive uma intervenção directa.

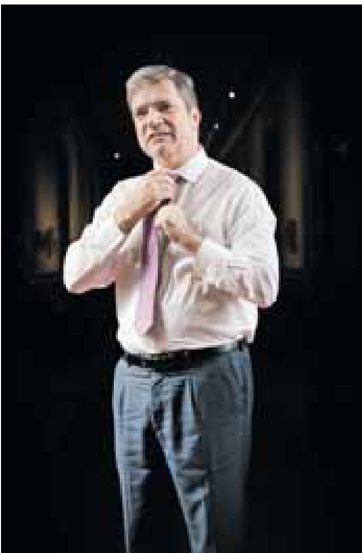
Quer antecipar que iniciativas podemos esperar do CDS?

Uma das áreas prioritárias é o reforço do investimento na Defesa e a melhoria das condições remuneratórias dos nossos militares e o reforço do estatuto dos antigos combatentes. É uma matéria que está a ser ponderada pelo ministro da Defesa Nacional, o doutor Nuno Melo, e não excluímos a possibilidade de apresentar iniciativas nesta área.

Vê condições nesta legislatura para que existam reformas profundas? Foi assinalada disponibilidade para um acordo de regime para reformar a justiça?

Acho que era desejável que essa capacidade existisse junto dos partidos que compõem o actual hemiciclo. A área da justiça merece, de facto, um entendimento generalizado entre os vários partidos que compõem o Parlamento. O Governo tomou a iniciativa de apresentar um plano, uma reforma da justiça, começando com um pacto anticorrupção.

Para o CDS, o combate à corrupção tem de ser prioritário. E há duas áreas que eu gostaria de realçar nesse plano: a regulamentação do *lobbying* e o combate ao enriquecimento ilícito, no caso de crime de corrupção. Estou convencido que, se houver abertura dos vários partidos, será possível chegar a entendimentos e que Portugal possa, no futuro, ter um conjunto de instrumentos mais capacitados para combater mais eficazmente a corrupção.



“

É muito importante que os portugueses saibam e recordem anualmente que depois do 25 de Abril aconteceu o PREC

Actual legislatura
CDS afasta referendo e alterações à lei do aborto

As declarações do vice-presidente do CDS e agora líder parlamentar do partido sobre o aborto abanaram a campanha da Aliança Democrática, quando defendeu que “devemos ter a capacidade de tomar iniciativas no sentido de limitar o acesso ao aborto e, logo que seja possível, procurar convocar um novo referendo no sentido de inverter esta lei profundamente iníqua”. Agora, garante que este não é um tema em cima da mesa, pelo menos até ao fim da actual legislatura. Sobre uma eventual candidatura do antigo líder do CDS Paulo Portas à Presidência da República, o deputado remete uma posição para mais tarde.

Nuno Melo disse que o CDS tem de falar mais para jovens e mulheres. A sua posição acerca da interrupção voluntária da gravidez (IVG), que foi tema na campanha das legislativas, não afasta este eleitorado?

O que seria da política sem convicções? E a minha convicção para a vida é antiga, é conhecida e é profunda. Dito isto, toda a gente sabe também que o programa eleitoral da AD não inclui esta matéria. Luís Montenegro declarou que não haveria alterações a esta resolução. A minha convicção é conhecida, mas esta matéria não está em cima da mesa.

Em 2023, a Entidade Reguladora da Saúde assinalou que existiam 15 hospitais no nosso país que não realizam IVG. Como é que um partido institucional como o CDS responde quando há uma lei da República que não está a ser cumprida?

A única coisa que posso dizer sobre isso é que não tenho conhecimento dessa situação e por isso não vou fazer qualquer tipo de comentário.

Ter uma candidatura de Paulo Portas a Belém ajudaria o CDS a ganhar um novo fôlego?

O CDS está a fazer o seu caminho de recuperação e estamos aqui para ficar. Quanto a Paulo Portas, o que posso dizer é que não vou antecipar questões.

Mas gostava de ver Paulo Portas como candidato?

Tenho uma ideia clara sobre o assunto, mas guardo para a altura certa. **Liliana Borges**

PCP chama ministra da Saúde ao Parlamento após problemas no INEM

Requerimento dos comunistas surge após IL e Chega terem apresentado pedidos para ouvir Vítor Almeida na Assembleia

O PCP requereu ontem a audição da ministra da Saúde, com carácter de urgência, em sede de comissão parlamentar, para prestar esclarecimentos sobre a real capacidade do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) de assegurar meios de socorro às populações. O pedido do PCP surge depois de terem sido apresentadas iniciativas partidárias para ouvir na Assembleia da República (AR) Vítor Almeida, que apresentou a demissão da presidência do INEM uma semana depois de ter sido nomeado para o cargo, e Luís Meira, antecessor de Vítor Almeida no cargo.

O pedido de audição urgente à ministra Ana Paula Martins foi dirigido pelo grupo parlamentar do PCP à presidente da Comissão de Saúde, a deputada socialista Ana Abrunhosa.

“A sucessão de acontecimentos que têm vindo a público nos últimos dias constitui motivo de preocupação e exige esclarecimentos do Governo. Revela também a ausência de intervenção do Governo para resolver os problemas com que o INEM se confronta”, lê-se no requerimento.

O pedido do PCP ocorre um dia depois de o Ministério da Saúde ter nomeado o médico Sérgio Dias Janeiro para a presidência do INEM, na sequência da demissão de Vítor Almeida. O anestesista com internato em Medicina Geral e Familiar, especialista em emergência médica, foi indicado como presidente do INEM a 3 de Julho, no entanto, apresentou a sua demissão uma semana depois.

Ontem, em declarações à RTP, o ministro da Presidência, António Leitão Amaro, responsabilizou o anterior executivo pelo “estado dramático” em que está o INEM e argumentou ter sido esse o motivo para Vítor Almeida se ter demitido do cargo antes ainda de ter sido publicado o despacho da sua nomeação. Vítor Almeida “entendeu que não tinha condições [para ser presidente] porque a situação era grave”, justificou Leitão Amaro.

Vítor Almeida tinha sido o escolhido pela tutela para substituir Luís Meira, que se demitiu do cargo a 1 de Julho, depois de uma polémica com o concurso dos helicópteros de emergência médica, e que vai ser ouvido na AR já na próxima quarta-feira.

Para o PCP, “há muito que o INEM não dispõe dos meios adequados para assegurar a emergência pré-hospitalar e o socorro às populações”, sendo esta situação “resultado das opções da política de direita, de sucessivos governos, de desinvestimento na área da saúde”. O partido considera que, para assegurar a emergência pré-hospitalar às populações, é essencial o reforço dos meios do INEM, a valorização das carreiras e dos salários dos seus trabalhadores.

“O Governo não se pode demitir das suas responsabilidades. Tem de intervir e de tomar as medidas para garantir as condições de trabalho e de resposta do INEM às necessidades das populações”, acrescenta o texto.

O pedido do PCP surge depois de a IL e o Chega terem apresentado requerimentos para ouvir, também com carácter de urgência, Vítor Almeida no Parlamento. Os liberais justificaram o pedido de audição, que será votado a 19 de Julho, com o “agravamento” das polémicas em torno do INEM ao longo das últimas semanas. Já o Chega considera que a situação “levanta sérias preocupações”.

As demissões no cargo de topo do INEM têm provocado várias críticas ao Governo e à ministra da Saúde. Pedro Nuno Santos, líder do PS, classificou a situação como uma “monumental trapalhada” e atirou a Ana Paula Martins, acusando a ministra de não só não resolver os problemas existentes como de criar novos.

Mariana Mortágua, líder do Bloco de Esquerda, criticou a “roda de cadeiras” na presidência do INEM e acusou a ministra de “atirar sistematicamente” os “problemas que são estruturais, que têm que ver com a falta de meios”, para as direcções dos serviços. **PÚBLICO com Lusa**



PCP pede “medidas” à ministra da Saúde, Ana Paula Martins

Politécnico de Beja abre concursos a que só podem concorrer os vice-presidentes

Vaga para o topo da carreira nas ciências empresariais foi contestada até pelo próprio departamento. Conselho geral não aprovou mapa de pessoal em que constavam estes lugares

Samuel Silva

O Instituto Politécnico de Beja (IPB) abriu dois concursos internos de promoção, de acesso ao topo da carreira do ensino superior politécnico, a que só podem concorrer os seus dois vice-presidentes. Uma das vagas, na área das Ciências Empresariais, foi contestada pelo próprio departamento em que se insere, que preferia usar esse dinheiro para contratar mais professores. O conselho geral também não aprovou o mapa de pessoal para este ano, onde constavam esses lugares.

Os dois concursos foram abertos formalmente a 12 de Junho do ano passado. Nesse despacho, a presidente do IPB, Maria de Fátima Carvalho, cria três vagas para professor coordenador principal, o topo da carreira nos politécnicos, uma na área de Ciências Empresariais, outra no Desporto e outra que admite candidatos de Ciências Agrárias ou Ciências Biológicas. Além disso, foram abertas dez vagas para professor coordenador, a posição intermédia da mesma carreira.

Depois de anos em que as promoções internas nas instituições de ensino superior estiveram praticamente congeladas, o Governo socialista, ainda com Manuel Heitor como responsável do sector, criou um regime em que os concursos de promoção interna passam a ter regras distintas dos concursos de recrutamento de novos docentes. Até então, o acesso às categorias do topo da carreira tinha obrigatoriamente de ser feito por concurso público internacional. É com base nestas regras que têm sido feitas as promoções na generalidade das instituições de ensino superior e o IPB não é excepção.

O que tem criado polémica no Politécnico de Beja é o facto de, das três vagas para o topo da carreira, apenas uma, a que admite candidatos de Ciências Agrárias ou Ciências Biológicas, poder ter mais do que um opositor. Nas outras duas, só reúnem as condições para concorrer os vice-presidentes da instituição, José Jacinto Bilau, na área das Ciências Empresariais, e Nuno Marques de Loureiro, no Desporto.

Estes são actualmente os dois únicos vice-presidentes do Politécnico de Beja, instituição onde, no último ano e meio, se demitiram, por divergências que foram públicas com a presidente da instituição, um vice-presidente, dois pró-presidentes, além de vários directores e vice-directores de escolas. Somam-se já mais de uma dezena de baixas nos cargos dirigentes desde a tomada de posse em Novembro de 2021.



NUNO FERREIRA SANTOS

As promoções estiveram congeladas durante vários anos no Politécnico de Beja

A presidente, Maria de Fátima Carvalho, afasta qualquer favorecimento dos seus "número 2". "Estes concursos abrangem todos os departamentos onde existiam docentes com o título de agregado, condição indispensável para concorrer nesta categoria", justifica ao PÚBLICO.

A mesma responsável acrescenta que o politécnico devia ter 11 professores coordenadores principais, mas tem apenas dois e que essas posições são necessárias para "aumentar a probabilidade" da atribuição da liderança de consórcios ou projectos de investigação, "para além de constituírem factor geral de credibilização da instituição".

Maria de Fátima Carvalho garante ainda que "a escolha das áreas científicas [em que foram abertos os concursos] foi precedida de estudo e análise nos órgãos competentes, não tendo sido uma decisão da presidência."

Não é isso, no entanto, que mostram as actas das reuniões de dois órgãos da instituição, nos meses anteriores ao lançamento destes concursos. A abertura de um lugar de professor coordenador principal "não é prioritário", deixou escrito o Departamento de Ciências Empresariais na acta da sua reunião de 5 de Maio do ano passado. Acrescentavam os docentes que ali têm assento que a intenção de abertura dessa posição não foi proposta pela direcção do departamento à presidência do IPB, com quem se tinham reunido anteriormente.

Mais professores

"A eventual necessidade e pertinência para o departamento não nos foi demonstrada e nem sequer tal tema foi abordado na referida reunião", lê-se também no documento. O departamento considera "mais urgentes e importantes" outras opções, como contratar mais professores ou promover às posições intermédias quem está no início da carreira, soluções que têm sido bloqueadas pelos "regulares avisos da presidência de que não existe orçamento".

Na carreira dos institutos superiores politécnicos, um professor coordenador principal recebe, no mínimo, 5000 euros brutos mensais, se estiver em regime de exclusividade, ao passo que um professor coordenador, mesmo que já tenha agregação, tem um salário bruto de 4300 euros mensais. Sem agregação, o salário não chega aos 3900 euros.

A necessidade dos concursos de promoção ao topo da carreira também não foi validada pelo conselho geral, o órgão máximo da instituição, a quem compete, em cada ano, aprovar o mapa de pessoal do instituto, juntamente com o seu orçamento. Na reunião de 27 de Março do ano passado, os conselheiros decidiram deixar em acta que, no orçamento então colocado à votação, "não se inclui qualquer alusão ou votação relativa ao mapa de pessoal docente e não docente".

A decisão expressava o desacordo existente relativamente às intenções da presidência, sintetizadas pela conselheira Elsa Rodrigues, que "voltou a reiterar a importância de aumentar o número de concursos para professores adjuntos", isto é, dos lugares intermédios da carreira, em detrimento dos lugares de topo.

Apesar de os lugares para os quais abriu concurso não constarem do mapa de pessoal, a presidente Maria de Fátima Carvalho não vê irregularidade na situação. Os gastos com pessoal "são a justificação para cerca de 80% do total do orçamento proposto" e esse orçamento "foi aprovado pelo conselho geral", entende.

IPST vai às praias colher sangue perante quebra de dádivas

Gina Pereira

Entre os grupos sanguíneos nos quais se regista maior carência está o A+, em que há reserva para apenas dois dias no IPST

O Instituto Português do Sangue e da Transplantação (IPST) vai voltar este ano a ter brigadas móveis em zonas balneares para incentivar à dádiva de sangue, numa altura em que as reservas estão mais baixas do que é habitual para esta época do ano e em que há dificuldades nalguns hospitais para assegurar todas as cirurgias. No caso do tipo de sangue A+, a reserva do IPST à data dá apenas para dois dias e a do O+ para três dias.

Na sexta-feira, fonte oficial do IPST revelou que "as reservas de sangue dos hospitais e no IPST situam-se entre os 7 e os 37 dias e entre os 2 e os 37 dias considerando apenas a reserva de concentrados eritrocitários do IPST, sendo os grupos sanguíneos em que se regista maior carência o 'A positivo' (2 dias no IPST) 'O positivo' (3 dias), 'O negativo' (4 dias) e 'A negativo' (5 dias)".

O IPST aponta como explicação para o facto de as reservas de sangue e componentes sanguíneos estarem há vários dias com valores mais baixos do que em períodos homólogos de anos anteriores o tradicional período de férias de Verão, mas também o aumento das infecções respiratórias neste período, nomeadamente por covid-19.

Questionado sobre se irá manter este ano a prática de ter brigadas móveis junto às praias para incentivar à dádiva, o IPST revelou que já neste sábado estará entre as 15 e as 19h na Praia da Vagueira, em Vagos (Região Centro), e que na terça-feira, dia 16, estará na Praia da Torreira, na Murtosa, e no dia 19 na Póvoa de Varzim. Para saber em que os locais se vão realizar as colheitas de sangue pelas unidades móveis do IPST, deverá consultar o portal dador.pt, estando programadas ao longo do Verão colheitas nas praias das regiões de Lisboa e Vale do Tejo, Centro, Porto e Algarve, neste caso durante a realização da Fatacil, entre os dias 16 e 25 de Agosto em Lagoa.

3,5 milhões de SMS por ano

Uma das estratégias que o IPST tem para garantir as dádivas regulares é o envio de SMS aos dadores frequentes. Entre 2021 e Maio de 2024, o IPST enviou aproximadamente 14 milhões de SMS, cerca de 3,5 milhões por ano, por entender que este "é o meio que mais fideliza os dadores para realizarem novas dádivas".

O IPST lembra que os hospitais portugueses precisam em média de 1100 unidades de sangue por dia para tratar os doentes. Os componentes sanguíneos têm uma validade limitada (concentrado eritrocitário, 42 dias; e as plaquetas de 5 a 7 dias), pelo que a necessidade de componentes sanguíneos é permanente. Daí que volta a fazer o apelo a todos os que possam dar sangue que o façam nesta altura.

Para efectuar uma dádiva de sangue é necessário dirigir-se a um local com colheita de sangue. Para se candidatar à dádiva, necessita de ter um documento oficial com fotografia (cartão do cidadão ou passaporte). As condições essenciais de elegibilidade para a dádiva são ter mais de 18 anos (a primeira dádiva após os 60 anos depende de critério médico), peso igual ou superior a 50kg e estar saudável.

NELSON GARRIDO



Instituto do Sangue vai voltar às praias

Sociedade

Promessa de ganhar dinheiro fácil com Pig Butchering leva jovem a perder 3500 euros

Sónia Trigueirão

Burla conhecida como "abate de porcos" chega através de uma mensagem de telefone, das redes sociais e *sites* de encontros

A Polícia de Segurança Pública (PSP) tem vindo a alertar para a burla Pig Butchering (abate de porcos), um esquema que já lesou milhares de pessoas em todo o mundo e em muitos milhões de euros. Esta burla tem este nome porque as vítimas são comparadas a porcos engordados para o abate. O fenómeno em Portugal tem surgido através de uma simples mensagem no telemóvel, nas redes sociais e até em *sites* de encontros. Só este ano, a PSP recebeu, até Julho, 692 queixas, quando no ano passado, entre Janeiro e Dezembro, não ultrapassaram as 28.

Miguel (nome fictício), jovem candidato ao curso de Direito, tinha acabado de fazer 18 anos e até já tinha ouvido falar deste tipo de burlas, mas a curiosidade e a promessa de ganhar dinheiro fácil superaram qualquer aviso e, em Maio, entrou para as estatísticas. É oficialmente uma vítima do Pig Butchering.

A mensagem chegou via rede social WhatsApp e prometia ganhos rápidos e fáceis, entre 500 e mil euros, sendo que só tinha de despender duas horas por dia. Aceitou o convite e foi parar a um suposto grupo de "trabalho" noutra rede social, o Telegram, onde o seu contacto era Alicia, uma jovem morena, que parecia uma modelo. Era ela quem atribuía as tarefas a Miguel, que, em troca de três ou cinco euros, apenas tinha de seguir páginas noutra rede social, o Instagram.

Alicia parecia confiável porque sempre que Miguel enviava a imagem como prova de que estava a seguir a página que lhe tinha sido pedida na tarefa, rapidamente recebia, através de Mbway, o valor prometido. Só a cumprir este tipo de tarefas Miguel facturou mais de 100 euros. Por isso, ao fim de três ou quatro dias no exercício de funções, Miguel não hesitou quando Alicia propôs que passasse para tarefas mais elaboradas e com comissões também mais elevadas.

Porém, a partir dali as tarefas, que consistiam em efectuar compras fictícias no *site* Lucky Mall, em troca de uma comissão, eram atribuídas pelo professor Francisco, cuja fotografia era de um jovem, também bem-parecido, de fato de gravata. Contudo, para fazer estas compras fictícias, Miguel tinha de transferir dinheiro seu para o *site*.

Começou pela aquisição de um par de lençóis por 30 euros, auferindo em troca uma comissão de nove euros. Os 39 euros foram-lhe devolvidos. Depois desta tarefa, o professor propôs que avançasse para tarefas iguais, mas com montantes monetários mais elevados porque teria comissões também mais elevadas. Miguel aceitou e foi transferido para um grupo denominado "VIP300". A partir daqui, as tarefas passavam a ser em conjuntos de três e só ao fim de realizado o conjunto é que Miguel poderia resgatar o dinheiro e as comissões.


MANUEL ROBERTO

Burlas chegam facilmente via telemóveis

Na primeira tarefa, Miguel teria de simular a aquisição de um produto que custava 300 euros, mas em troca iria auferir uma comissão de 120 euros. O valor pareceu-lhe elevado, mas o que havia para desconfiar? Até aqui sempre tinha recebido. Aceitou prosseguir. Seguiu-se a segunda tarefa e o valor que lhe pediram para transferir subiu para os 700 euros, sendo que a comissão que lhe prometiam era de 210 euros. O coração bateu-lhe mais forte e começou a ficar preocupado, mas só faltava mais uma tarefa. Na terceira e última, pediram-lhe 2500 euros, sendo que recebia 750 de comissão mais todo o dinheiro que estava a acumular desde que tinha entrado no grupo VIP300.

Já muito preocupado perguntou se, de facto, ao completar esta tarefa podia resgatar tudo (3500 euros seus e 1080 euros em comissões) e, claro, responderam que sim. Miguel fez a transferência, mas quando quis resgatar o seu dinheiro disseram que tinha de cumprir uma última tarefa e transferir mais seis mil euros. Aí o jovem, desesperado, procurou a ajuda dos pais, que foram apresentar queixa.

Ao que o PÚBLICO apurou, no caso de Miguel o dinheiro estava a ir para uma conta bancária, em Portugal, num banco português, onde numa semana entraram mais de 100 mil euros. As autoridades desconfiam que os titulares desta conta não sejam os verdadeiros mentores do esquema. Há casos em que se descobriu que os titulares das contas bancárias foram pagos apenas para as abrir em seu nome e depois cederem os acessos a terceiros.

Segundo o porta-voz da PSP, o subintendente Sérgio Soares, em Fevereiro, as queixas sobre este fenómeno começaram a subir bastante em relação ao que era habitual e em Março dispararam, tendo-se tornado uma preocupação e levando a PSP a lançar até uma campanha de alerta à população.

"O fenómeno a nível mundial não era novo e já estávamos atentos a ele desde 2020, mas em Portugal atingiu o pico este ano", explicou, sublinhando que, "em Fevereiro, a PSP registou 30 queixas, mas em Marco já tinha 153 e em Abril 213". "A PSP realizou a campanha de alerta a partir de Abril e começámos a registar uma diminuição logo em Maio, com 174, em Junho tivemos 94 e em Julho ainda só tivemos 11", afirmou.

Cerca de 600 médicos enviam carta aberta a ministra a apelar a acordo nas negociações

Médicos sublinham que vão usar o "direito legal de não fazer mais do que as 150 ou as 250 horas extras", caso as negociações falhem

Cerca de 600 médicos enviaram ontem uma carta aberta à ministra da Saúde a expressar a sua indisponibilidade para fazer mais horas extraordinárias, além das previstas na lei, caso não haja acordo com os sindicatos nas negociações.

"A intenção da carta é alertar a senhora ministra de que nós, médicos, estamos vigilantes, estamos atentos, a tudo o que se está a passar em termos de negociações com os sindicatos e que temos linhas vermelhas que ela já conhece e que são exactamente as mesmas do ano passado", disse à agência Lusa Helena Terleira, do movimento Médicos em Luta, promotor da iniciativa.

A especialista em Medicina Interna adiantou que na carta aberta, subscrita por 586 médicos e enviada à meia-noite, os médicos afirmam que vão fazer valer o seu "direito legal de não fazer mais do que as 150 ou as 250 horas extras", conforme esteja no regime normal ou dedicação exclusiva nos serviços de urgência, caso as negociações que estão a decorrer não cheguem "a bom porto".

"Consideramos que, de facto, é a única medida que nos resta, uma vez que até agora, infelizmente, não tem havido avanços na negociação com os sindicatos, disse Helena Terleira.



Médicos queixam-se de falta de vontade política do Governo

A especialista adiantou que até agora os médicos, por "uma questão de boa vontade, por uma questão de que queriam segurar o SNS" e porque acreditavam que as negociações iam "chegar a bom porto", faziam mais do que 12 horas seguidas nas urgências e mais do que as duas urgências semanais.

Neste momento, os médicos, mesmo não assinando a minuta da indisponibilidade para o trabalho suplementar além do obrigatório, não estão disponíveis para isso.

"Se víssemos da parte do ministério uma vontade de negociar a sério, as pessoas davam mais, mas as pessoas não podem continuar a dar o que têm e o que não têm, sacrificar a sua vida pessoal, sacrificar a sua família, sacrificar o seu lazer em função de um serviço em que infelizmente não se vislumbra que haja melhorias a curto prazo", disse a médica.

Lamentou ainda que "tudo aquilo" que a ministra oferece aos médicos seja "incentivos por mais trabalho".

"A única coisa que a senhora ministra nos diz é: vocês fazem 40 horas, mas se quiserem ganhar mais uns trocos, vão ter de fazer 50, 60 ou 70 horas semanais. Isso é uma sobrecarga terrífica numa profissão que tem nas mãos a vida das pessoas", enfatizou Helena Terleira. **Lusa**

ABASTECIMENTO DE ÁGUA
À REGIÃO DAS BEIRAS MAIS RESILIENTE






FAZEMOS O MELHOR
POR SI E PELA SUA ÁGUA


Investimento de 2 300 000,00 €, estando previsto ser cofinanciado em cerca de 1,8 milhões de euros (operação em Overbooking) pela União Europeia, através do POSEUR - Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no uso de recursos, no âmbito do Portugal 2020


Serve 8000 habitantes no município de Penamacor, distrito de Castelo Branco


Melhoria de vida das populações e do Ambiente

Cofinanciado por:











Venezuela vai para eleições e já se ouve o canto do cisne do "chavismo"

O regime vive a campanha mais disputada de sempre e as sondagens dão vitória à oposição. Mesmo que Maduro continue, a mudança é inevitável

Leonete Botelho

Há duas palavras que estão a marcar a campanha para as presidenciais na Venezuela, que se disputam daqui a duas semanas, a 28 de Julho: mudança e transição. Quando quase todas as sondagens apontam para uma vitória inequívoca do candidato da Plataforma Unitária Democrática (PUD), Edmundo González, sobre Nicolás Maduro, que sofre uma alta taxa de reprovação mesmo dentro do próprio partido, até os cartazes do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) já incorporaram a palavra "câmbio". De Caracas às fronteiras, ecoa nas ruas e nas redes o canto do cisne do "chavismo". Mas o regime tenta resistir.

As últimas sondagens, publicadas sobretudo nas redes sociais e em jornais fora do país, apontam para uma vitória inequívoca de Edmundo González (entre 62% e 67%) contra 25% a 28% de Maduro. O restante divide-se pelos outros oito candidatos de uma oposição "servicial", que em nada podem beneficiar Maduro numas eleições que se disputam a uma só volta para um mandato de seis anos, a começar a 1 de Janeiro de 2025.

Embora haja também algumas sondagens de empresas desconhecidas e divulgadas pelo regime que dão a vitória ao sucessor de Hugo Chávez, poucos acreditam nelas. Até porque as ruas gritam por mudança e por María Corina Machado, que venceu as eleições primárias da plataforma da oposição mas está impedida pelo regime de exercer cargos públicos por 15 anos.

"Estas são as eleições mais importantes na Venezuela nos últimos anos e tudo indica que a oposição terá os melhores resultados de sempre, mas faltam 17 dias e muita coisa pode ainda acontecer", avisa Felipe Gouveia, o correspondente da Lusa no país, numa conversa com o PÚBLICO. "É normal que o Governo intensifique as suas acções e mobilize todos os meios ao seu dispor" nesta recta final da campanha, acrescenta.

Uma das surpresas que podem ainda acontecer, segundo alguma imprensa, é Edmundo González ser impedido de concorrer em cima das eleições, mas o jornalista luso-venezuelano não acredita nisso. "Creio que a 15 dias das eleições já não haverá substituições de candidatos", afirma.

Na oposição esse receio ainda existe, mas é compensado pelos estragos que faria. "Se destituíssem Edmundo González seria um erro tremendo para o PSUV, creio que isso não daria opções ao PSUV em termos de ideias políticas, enfrentariam pressões que não podem imaginar porque também sabem que já não têm caminho para ir buscar votos", disse ao *Noticiero Digital* Lawrence Castro, dirigente da Vontade Popular, integrante da PUD.

Certo é que a repressão sobre a oposição tem-se intensificado e nos últimos dias foram detidos dois militantes do partido Vente Venezuela [ou Vamos Venezuela], de María Corina e Edmundo González, elevando para mais de 50 os políticos e activistas da oposição presos desde o final do ano passado. "Essas detenções não abonam nada a imagem de democracia que o regime quer passar", comenta Felipe Gouveia.

Contra ventos e marés, a candidatura da PUD continua imparável, apesar de não ter acesso às televisões (públicas ou privadas), nem cartazes, autocolantes ou pinturas nas ruas. A campanha faz-se ao vivo, em comícios e passeios que arrastam multidões nas vilas e cidades médias de todo o país, sempre com a presença de María Corina ao lado do candidato Edmundo González, de 72 anos. Os vídeos dos comícios nas redes sociais tornam-se virais rapidamente.

"Telemóveis, redes sociais e grupos de WhatsApp promoveram González, que passou, em poucos dias, de totalmente desconhecido a totalmente identificado pela maioria da população", ilustrou Saúl Cabrera, da empresa Consultores 21, ao *El País*. E o candidato não desperdiça as oportunidades. "Roubaram-nos tudo menos a esperança", dizia na quarta-feira perante milhares de simpatizantes no estado de Anzoátegui.



Maduro tenta ser eleito para um terceito mandato nas eleições de 28 de Julho. As sondagens são-lhe adversas, mesmo num país de onde mais de 7,7 milhões de pessoas saíram nos últimos anos



ADREES LATIF/REUTERS

Sem pão e sem luz

A fome de mudança dos venezuelanos vem do estômago e da escassez geral. Cerca de 5,1 milhões de pessoas, num universo de quase 30 milhões, não estão a comer o suficiente, segundo a ONU. Os apagões são uma constante, os serviços de saúde estão exauridos, os salários estão congelados.

Nos últimos dez anos, o produto interno bruto da Venezuela diminuiu cerca de 73%. O Governo culpa as sanções dos EUA pelas dificuldades económicas do país. A hiperinflação, que chegou aos 345.000% em 2019, só este ano baixou para os dois dígitos, após uma injecção de dólares no mercado e mão fechada nos salários e nos investimentos.

Num país à míngua, cerca de 7,7 milhões de venezuelanos fugiram nos últimos anos, muitos deles para os países vizinhos. Cerca de 2,8 milhões já vivem na Colômbia, 1,5 milhões no Peru e 568 mil no Brasil, segundo a Reuters. E o êxodo para os Estados Unidos continua.

MIRAFLORES PALACE/EPA



Segundo uma sondagem da ORC Consultores feita em Maio, 16% dos inquiridos afirmaram que abandonariam rapidamente o país se o seu candidato preferido não ganhasse a 28 de Julho. Os apoiantes da oposição são significativamente mais propensos a dizer que procurariam sair do que os apoiantes de Maduro.

Mais perto do fim

Mesmo que o Presidente Maduro, eleito pela primeira vez em 2013, consiga o seu terceiro mandato, terá de fazer mudanças profundas para conter a revolta que se espalha de norte a sul. Muitos venezuelanos que estavam com o regime relataram a jornalistas no terreno que estão cansados de ver fugir e morrer pessoas e pedem novas políticas.

No próximo ano há eleições regionais e, mesmo que Maduro ganhe, "vai ser muito difícil governar com tanta gente contra", diz Felipe Gouveia, referindo-se à taxa de desaprovação do Governo de 80%. "É provável que nessas eleições a oposição ganhe terreno – e esse pode ser o princípio da transição".

E antes disso? Se Maduro anunciar vitória pode incendiar as ruas? "Fala-se muito de violência pós-eleições, mas depois de Abril de 2002 [golpe de Estado contra Hugo Chavez] os venezuelanos já perceberam que a violência não é solução", analisa o jornalista da Lusa. "Pode haver alguma tensão, mas não violência", sustenta.

Para evitar repetição de acusações sobre fraude eleitoral, como em 2018, pelo então líder da oposição Juan Guaidó — com o apoio dos EUA e da União Europeia, desta vez não vai haver escrutínio por parte das instâncias internacionais. O regime impediu a entrada de uma missão de observadores da UE e só aceitou a presença de acompanhantes da ONU na condição de não se pronunciarem sobre este processo eleitoral, mas apenas fazer recomendações para o futuro.

Negociar a transição?

É neste clima de fim de ciclo que a iniciativa de Maduro de retomar as negociações com os EUA a um mês das eleições deve ser compreendida: "Um sinal político de mudança, de que se quer contribuir para a paz e levar as pessoas a confiar", explica Felipe Gouveia.

A imprensa da oposição venezuelana vai mais longe e questiona se Maduro não estará mesmo a negociar a sua saída. "Poder, petróleo e possível transição com garantias em jogo", titulava na quinta-feira o Tal Cual. O *El Nacional* conjecturava mesmo que o Presidente teria já percebido a derrota iminente e procura garantias para deixar o cargo com segurança para si, a sua família e os colaboradores mais próximos.

Algumas garantias já estavam vertidas nos Acordos de Barbados assinado em Outubro do ano passado pelo Governo e a oposição, com a mediação da Noruega e de países como Rússia, México, Colômbia, Brasil e Países Baixos, em que se garantia a protecção dos direitos políticos e a salvaguarda de garantias eleitorais para as eleições presidenciais deste ano. Compromissos que a oposição considera que não têm sido cumpridos, dado o aumento da repressão política contra todos os que apoiam o opositor e sucessivas prisões de activistas, jornalistas e membros da equipa de María Corina Machado, a quem acusou de conspiração e traição.

Nos últimos meses, a Colômbia e o Brasil, aliados do chavismo mas críticos do incumprimento dos Acordos de Barbados, propuseram que fosse assinado um pacto de garantias sobre os resultados eleitorais. Maduro acabou por assinar texto deste género com oito dos seus adversários, mas não o principal.

O retomar das negociações com Washington até pode parecer o entreabrir da porta de saída, mas também pode ser, pelo contrário, uma notificação de que o chavismo não vai deixar o poder. Mas certamente as negociações vão reconfigurar os cenários para as eleições e para o que virá depois.

O rosto da oposição

María Corina Machado, a candidata afastada continua a arrastar multidões

Leonete Botelho

Na rede social X, María Corina Machado, o principal rosto da oposição ao regime de Maduro, apresenta-se assim: "Venezuelana, mamã de três, engenheira e liberal. Candidata presidencial. Só concebo a minha vida na Venezuela e em liberdade." Não é a candidata oficial, mas é por ela que as ruas gritam quando chega a qualquer localidade, rodeada de um escudo de motociclistas que a anunciam e protegem.

O *El País* chama-lhe "o fenómeno eleitoral mais esmagador na Venezuela desde Chávez em 1998", a revista brasileira *Fórum* diz que é a "nova Guaidó" e uma reportagem do *El Colombiano* escreve que "antes de todas as viagens de campanha de Machado, as ruas da Venezuela parecem cheias de um espírito diferente e de um sentimento de que nestas eleições será alcançada a vitória da oposição e, consequentemente, de outro modelo económico e político".

Nas ruas, como nas sondagens, a candidatura do Vamos Venezuela, partido que fundou em 2012, parece imparável. Nas redes sociais, María Corina Machado vai fazendo a contagem decrescente para as eleições, com vídeos mais ou menos elaborados mas uma mensagem principal simples e emocional: trazer de volta ao país os 7,7 milhões de venezuelanos (contabilizados pela Reuters) que "fugiram do país durante os anos de convulsão económica e política". "María Corina, quero abraçar o meu pai de novo", lia-se num pequeno papel nas mãos de uma menina à beira de uma rua onde a não candidata passava, segundo a reportagem do *El Colombiano*.

María Corina Machado, de 56 anos, tem percorrido o país ao lado de Edmundo González, o candidato cujo nome consta do boletim de voto depois de o Supremo Tribunal Federal ter impedido a candidatura de Machado por estar impedida de exercer cargos públicos durante 15 anos. A sentença diz que infringiu a Constituição ao acumular o mandato de deputada com o de "representante alternativa da delegação da República do Panamá na Organização dos Estados Americanos", em 2014, e ter ajudado a articular o apoio internacional ao autoproclamado presidente Juan Guaidó, inclusive sanções económicas internacionais contra a Venezuela.

Mas Corina não desistiu. "Nenhuma mulher neste país voltará a baixar a cabeça por causa de um saco de aplausos", declarou Machado num comício na cidade andina de Mérida, referindo-se à bolsa de alimentação a que os mais pobres têm direito, mas que não trava a fome no país. "Este regime já está derrotado. Os nossos filhos retornarão à Venezuela, vamos reunir-nos com os nossos familiares e reconstruiremos o nosso país. Não tenham dúvidas, vamos vencer."

Considerada próxima de Washington — chegou a ser recebida na Sala Oval por George W. Bush, em 2005, pelo trabalho da sua ONG Súmate –, a liberal sempre cultivou um discurso abertamente anticomunista, defende a privatização de centenas de empresas e quer aplicar as receitas capitalistas, o que a ajudou a angariar muitos seguidores da diáspora venezuelana.

Nas redes sociais, os seus pontos de vista são defendidos pelos chamados "MAGAzuelanos" e por vezes é vista como a expressão da "extrema-direita" do país, o que ela rejeita, afirmando-se antes "radicalmente liberal" e ideologicamente ao centro. De facto, o seu discurso não tem laivos religiosos, não fomenta preconceitos nem estigmatiza maiorias, muito menos utiliza argumentos conservadores no campo social, ainda que alguns dos seus seguidores o façam.

Como disse numa entrevista ao *El Estímulo* em Março de 2023, o que pretende é acabar com o socialismo na Venezuela e pôr em prática o programa liberal do seu partido. "O meu objectivo é tirar Maduro e o regime de Miraflores [palácio presidencial] para poder tornar realidade tudo o que sonhamos", disse. Tendo em conta as últimas sondagens, esse dia está mais perto do que nunca.

MIGUEL GUTIERREZ/EPA



María Corina e Edmundo González percorrem o país juntos em campanha

Biden "ressuscita" no contra-ataque e indigna-se contra a imunidade de Trump

Maria João Guimarães e Leonete Botelho

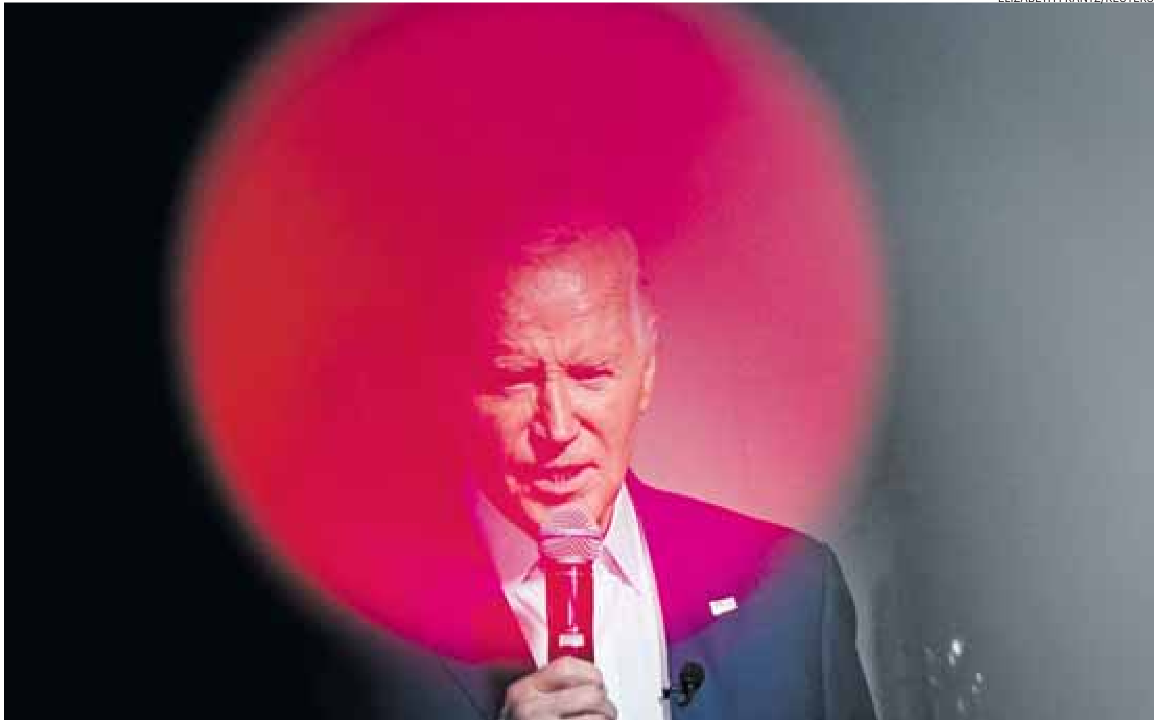
O Presidente dos Estados Unidos questiona o que é mais grave: enganar-se nos nomes ou cometer crimes

Joe Biden deu um "*show*" de energia e vitalidade num comício em Detroit, Michigan, na sexta-feira à noite, ressuscitando no contra-ataque contra Donald Trump, a quem acusou de estar "inapto" para o cargo, perante apoiantes que gritaram "*lock him up*!" (prendam-no).

Depois de duas semanas de pânico democrata devido ao seu desempenho no debate contra Donald Trump e debaixo de intensa pressão para desistir da candidatura, com cortes nos donativos e quedas nas sondagens, o Presidente dos EUA mostrou-se "enérgico" e "impetuoso", nas palavras do *Washington Post* e do *New York Times*, e garantiu que está para ficar.

"Sou o candidato do Partido Democrata, o único democrata ou republicano que já derrotou Donald Trump", disse, recebendo de volta um coro de cântico: "Não vás, Joe", "Não desistas". "E vou vencê-lo novamente", garantiu. "Eu conheço-o. Donald Trump é um falhado."

Num comício perante 2000 apoiantes, Biden notou como o país está fixado nas suas *gaffes* quando do outro lado há um candidato que foi condenado num processo criminal, referindo ainda as acusações contra ele. "Eles martelam-me porque às vezes confundo os nomes. Mas adivinhem? Donald Trump tem um livre-trânsito", afirmou.



ELIZABETH FRANTZ/REUTERS

Joe Biden voltou em força à campanha eleitoral no Michigan

Colocando os "holofotes" sobre Donald Trump, lamentou que o seu adversário beneficie de imunidade, mesmo após as condenações criminais em Manhattan por 34 acusações de fraude empresarial, as investigações em curso sobre a sua tentativa de derrubar as eleições de 2020 e até a condenação por difamação num caso de violação.

"Trump violou-a", declarou Biden, lendo o veredicto do processo em que Trump foi condenado por difamar a escritora E. Jean Carroll, que o acusou de a ter violado. "Prendam-no!" ("*Lock him up*!") gritavam os apoiantes, descreve o *New York Times* – uma inversão dos gritos dos apoiantes de Trump (e do próprio Trump) em 2016 em relação à candidata democrata Hillary Clinton, então secretária de Estado, que acusavam de ter escondido comunicações. Clinton nunca foi acusada por qualquer crime.

A caminho do comício, Biden passou por um evento de organização da campanha num bar num subúrbio de Detroit, brincando sobre a sua idade e terminando com uma afirmação peremptória: "Garanto-vos que estou bem."

Ontem, o *The New York Times* publicou um artigo de opinião de Bernie Sanders, senador democrata que tem sido crítico de Biden, em que apela ao voto no actual Presidente. "Sim, eu sei: O Sr. Biden é velho, é propenso a *gaffes*, caminha rigidamente e teve um debate desastroso com o Sr. Trump. Mas isto eu também sei: Uma eleição presidencial não é um concurso de entretenimento. Não começa nem termina com um debate de 90 minutos", escreveu, apelando aos democratas para "pararem com as querelas e as picuinhices".

E na quinta-feira, o mesmo NYT que tinha defendido, após o debate Trump-Biden, a desistência do actual Presidente da corrida eleitoral, publicou um especial com uma apresentação visual diferente do habitual – letras brancas num fundo negro – no qual o conselho Editorial do diário declara que Donald Trump não está apto a ser Presidente: é "perigoso nas palavras e acções" e põe-se "a si próprio acima do país".

"Trump mostrou um carácter indigno das responsabilidades da presidência. Demonstrou uma falta de respeito total pela Constituição, pelo Estado de direito e pelo povo americano", e por isso pode "representar um perigo para o país, a sua força e o seu carácter nacional". É também por isso, segue o artigo, que os democratas estão – "e bem" – a levar a cabo um debate sobre se Biden é a pessoa certa para disputar a eleição.

Ataque israelita mata 90 palestinianos em zona de deslocados

Maria João Guimarães

Um ataque israelita numa zona de deslocados considerada segura perto da cidade de Khan Younis, no Sul da Faixa de Gaza, matou ontem 90 pessoas e deixou mais de 200 feridos, segundo o ministério da Saúde de Gaza.

O Exército israelita afirmou, citado pelo *Haaretz*, que levou a cabo um ataque cujo alvo era o chefe das Brigadas Ezzedine al-Qassam, a ala militar do Hamas, Mohammed Deif, que ao longo de décadas escapou por sete vezes a tentativas de assassínio israelitas – o seu nome de guerra quer dizer "o convidado", por estar sempre a mudar de casa para evitar ser morto –, e horas mais tarde declarou que ainda estava a avaliar o resultado da acção.

Israel considera Deif um dos arquitectos do ataque de 7 de Outubro e antes disso, directamente responsável pela morte de dezenas de civis em atentados suicidas levados a cabo por membros do grupo desde os anos 1990.

Estima-se que Deif tenha ficado cego de um olho e gravemente ferido numa perna num dos ataques contra si. Durante a guerra de 2014 em Gaza, um ataque israelita à sua casa matou a sua mulher, a filha de três anos e o filho de sete meses. O diário *Times of Israel* comentava que "a sua capacidade de frustrar o poderoso aparelho de segurança israelita durante tanto tempo fez dele uma figura mítica, tanto para palestinianos como para israelitas".



Al-Mawasi foi a zona atingida

O ministério da Saúde de Gaza disse que o grande número de feridos deixou o Hospital Nasser "sem capacidade de funcionar", tanto pela quantidade de feridos no ataque como por não haver material suficiente.

O Hamas reagiu às afirmações de Israel dizendo que a alegação de que Deif seria o alvo era "falsa" e que pretendia justificar um ataque com um número elevado de vítimas em Al-Mawasi uma zona que, apesar de ter sido declarada segura por Israel, já foi alvo de vários ataques.

"Não consegui sequer perceber onde estava ou o que estava a acontecer", disse Sheikh Youssef, residente na Cidade de Gaza que está actualmente deslocado em Al-Mawasi, à Reuters. "Saí da tenda e olhei em volta, todas as tendas estavam por terra, havia pedaços de corpos e corpos por todo o lado, mulheres idosas atiradas para o chão, crianças pequenas em pedaços."

A organização internacional Action Aid disse estar "extremamente preocupada" com a segurança dos seus funcionários e parceiros na zona atacada, continuando sem conseguir estabelecer contacto com alguns deles, disse a ONG num comunicado citado pelo *Guardian*. "Esta é uma área que tinha sido designada como zona humanitária segura, mas pelo menos 71 pessoas foram brutalmente chacinadas (...), deixando mais uma vez perfeitamente claro que não há absolutamente nenhum sítio seguro em Gaza." Este é ainda um local onde agências de ajuda dizem não haver as menores condições para as pessoas deslocadas, sem casas de banho, centros médicos ou apenas um pouco de sombra.

O duplo alargamento da NATO e os seus riscos

Análise



José Pedro Teixeira Fernandes

1. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO na sigla inglesa) que celebrou o seu 75.º aniversário na Cimeira de Washington é uma organização muito diferente da original. A NATO original tinha 12 Estados fundadores, entre os quais Portugal, sendo posteriormente alargada à Grécia e à Turquia e depois à antiga Alemanha Federal nos 1950. Numa fase mais tardia, já nos anos 1980, a Espanha tornou-se também membro. Nesse período, a NATO era uma organização defensiva clara nos seus objectivos e área de actuação. A sua zona de defesa era o Atlântico Norte (o que está no nome da organização), tendo a Europa Ocidental no seu centro.

Os artigos 5.º e 6.º do Tratado do Atlântico Norte espelham a garantia de defesa e precisam detalhadamente o âmbito geográfico defensivo da aliança. O artigo 5.º instituiu uma garantia de solidariedade defensiva em caso de agressão a um membro: "As Partes concordam em que um ataque armado contra uma ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas." Quanto ao artigo 6.º, delimitou, com rigor, a área geográfica objecto da garantia de defesa: "o território de qualquer" das Partes "na Europa ou na América do Norte" e o "território da Turquia" incluindo "as ilhas sob jurisdição de qualquer das Partes situadas na região do Atlântico Norte ao norte do Trópico de Câncer".

2. Nos últimos 30 anos a NATO passou por um duplo alargamento, de Estados e de área de actuação. Duplicou os seus membros, passando de 16 para 32, o que é um sinal claro de atracção e de sucesso. Se o alargamento a novos membros tem grande visibilidade e é debatido publicamente, já o alargamento da sua área de actuação tem passado mais despercebido na discussão pública. Todavia, para além da área de defensiva do Atlântico Norte delimitada no já referido artigo 6.º do tratado, surgiram actuações fora desta, primeiro na Europa (Bósnia e Kosovo), depois no Mediterrâneo Sul (Líbia), no Médio Oriente (Iraque) e na Ásia Central (Afeganistão).

Este segundo alargamento, da área de actuação, vai muito além da estrita defesa do território dos seus membros. Tem múltiplas repercussões mal percebidas nas suas complexas consequências e que não são apenas estratégicas. Ainda que o objectivo (meritório) tenha sido terminar um conflito militar, ou aliviar uma crise humanitária noutras partes do mundo, tratou-se, de alguma forma, de fazer a guerra no sentido lato do conceito, pois envolveu o uso das forças armadas. Em termos clássicos isso deveria seguir os trâmites constitucionais ligados a uma declaração de guerra ou similares, mas nunca foi esse o caso.

3. As operações fora de área são uma ideia dos anos 1990, quando, na época, se discutia o futuro da NATO e a sua dissolução era até equacionada. Nos EUA, em 1993, um novo caminho foi apontado pelo senador republicano Richard C. Lugar – *out of area or out of business*. A ideia – as chamadas "operações fora de área" – e o *slogan* que lhe está subjacente ganharam raízes. Por um lado, deram novas tarefas à organização justificando a sua não dissolução e evitando o destino do defunto Pacto de Varsóvia. Por outro lado, as operações fora de área da NATO contribuíram gradualmente para o seu desgaste e para criar contrapoder e resistência ao Ocidente no mundo. Levaram a NATO a envolver-se em tarefas que não estão previstas no seu pacto constitutivo e com fracos resultados – os já referidos casos da Líbia, Iraque e Afeganistão mostram o problema.

Apesar dessa forma de actuação ter tido, até agora, o consenso dos dirigentes políticos, é problemática e deveria ser revista. Recorre a uma semântica tranquilizadora da opinião pública – as operações fora de zona são apenas missões. Mas isso evade uma realidade bem mais crua: não têm enquadramento no texto do Tratado do Atlântico Norte (que é a sua Constituição e nada diz sobre o assunto); e, como já notado, de alguma forma contornam os mecanismos constitucionais dos Estados ligados à autorização uso das forças armadas.

4. Se a NATO precisava de se ajustar face ao novo ambiente internacional de segurança, o que é perfeitamente compreensível e necessário, a forma correcta e transparente de o fazer em democracias, que são Estados de direito, passa, inevitavelmente, por rever o texto fundador, não por encontrar expedientes e alternativas sinuosas. Mas a doutrina do secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg – que agora termina o seu mandato –, insiste no caminho anterior. "A ideia de que podemos dividir a segurança em teatros regionais já não funciona", segundo ele. Agora está "tudo interligado".

ELIZABETH FRANTZ/REUTERS



A ideia aparece reflectida num recente artigo por si publicado na *Foreign Affairs* ("*What NATO Means to the World*", 3/7/2024). Para Jens Stoltenberg agora é altura de a NATO olhar para o Indo-Pacífico e "aprofundar os laços com os seus parceiros globais". Quanto à China, o apoio "à guerra ilegal da Rússia tem de ter um custo" para esta. A doutrina Stoltenberg ficou plasmada no comunicado de imprensa da NATO de 10 de Julho, nos pontos 4 e 30: "As ambições declaradas e as políticas coercivas [da China] continuam a desafiar os nossos interesses, segurança e valores." Tal como ocorre com a parceria estratégica entre a Rússia e a China e as suas tentativas, "que se reforçam mutuamente, de minar e reformular a ordem internacional". Por sua vez, no ponto 30 foi sublinhado que o "Indo-Pacífico é importante para a NATO, dado que os acontecimentos nessa região afectam directamente a segurança euro-atlântica", sendo sugerido um crescente papel da NATO na região asiática.

> **Alimentar a ideia de uma NATO com vocação global, agora no Indo-Pacífico e para contenção da China nessa área, é uma estratégia mal concebida. E pode ter consequências desastrosas**

5. Na NATO original, a defesa do Atlântico Norte significava, na prática, a defesa de uma Europa Ocidental que começava na Alemanha dividida. Na NATO actual, a defesa do Atlântico Norte significa, na prática, a defesa da Europa do Leste e do Báltico. É uma alteração geográfica e estratégica profunda cujos custos e consequências de longo prazo ainda não emergiram na totalidade, face à vizinhança hostil da Rússia, à incerteza sobre a forma como terminará a guerra na Ucrânia e da sua eventual adesão à NATO. Em nada recomenda uma dispersão pelo mundo em operações e parcerias fora de área. Não é do interesse dos europeus.

Uma concepção holística de segurança, em que tudo tem que ver com tudo, não contribui para a clareza estratégica e para a prudência defensiva, virtudes maiores de uma aliança militar. Insistir num caminho de expansão da área de actuação como se estivéssemos ainda num período excepcional de poder do Ocidente – os anos 1990, o contexto original em que surgiram as operações fora de área – é uma avaliação enviesada do mundo actual. Esse foi um irrepetível momento excepcional de poder do Ocidente, com a Rússia em baixo, a China ainda ausente e outras grandes potências como a Índia sem um papel relevante no mundo.

Não é esse o mundo de hoje, nem vai ser esse o mundo do futuro pelas alterações estruturais em curso. Alimentar a ideia de uma NATO com vocação global, agora no Indo-Pacífico e para contenção da China nessa área, é uma estratégia mal concebida (esse é um papel para os EUA, como grande potência mundial). As acções geram reacções e podem ter consequências desastrosas num mundo cheio de tensões. A questão crítica é esta: uma NATO que se afasta do que está estabelecido no artigo 6.º do Tratado do Atlântico Norte vai aumentar a segurança europeia, ou vai espicaçar o contrapoder e as contra-alianças que não deixarão de se expandir no mundo contra esta?

Investigador do IPRI-NOVA - Universidade Nova de Lisboa

Economia Portugal representou 2% do GNL comprado, na UE, à Rússia

Espanha lidera importação europeia de gás liquefeito russo

Em 2023, importações de gás liquefeito russo para a UE caíram ligeiramente, mas cresceram em Espanha e na Bélgica, que com França representaram 85% do total

Ana Brito

Depois do grande crescimento das importações de gás natural liquefeito (GNL) em 2022, quando foi obrigatório substituir o gás russo de gasoduto que deixou de chegar ao centro da Europa, a procura de GNL pelos Estados-membros da União Europeia (UE) manteve-se estável nos 121 milhões de toneladas em 2023, dos quais cerca de metade foram garantidos pelos Estados Unidos.

A Rússia, através do grande projecto de liquefacção na península de Yamal, na Sibéria, abasteceu 11,5% das importações europeias, com um total de 14,4 milhões de toneladas, menos 1,6 milhões de toneladas do que em 2022, em parte porque a capacidade de regaseificação construída na Alemanha e nos Países Baixos permitiu que estes dois países deixassem de estar dependentes das reexportações de países vizinhos.

Mas, apesar desta redução, houve Estados-membros aos quais, mesmo assim, chegaram maiores quantidades de gás russo: Espanha foi, de acordo com os dados da associação internacional dos importadores de GNL (GIIGNL), o destino europeu que maior volume de gás recebeu da Sibéria: foram 4,83 milhões de toneladas, mais que os 3,72 milhões de toneladas de 2022.

Além de Espanha, também a Bélgica aumentou as importações de gás russo no ano passado, aumentando-as de 1,92 milhões de toneladas para 2,82 milhões. França, que em 2022 havia liderado o ranking, com a importação de 5,24 milhões de toneladas de gás da Yamal LNG, em 2023 reduziu para 3,47 milhões, embora mantendo-se como o segundo maior comprador europeu. Em conjunto, estes três países representam 85% do total comprado a Moscovo (Portugal representou 2%).

O gás russo que sai do porto siberiano de Sabetta com destino à Europa chega essencialmente através de contratos de longo prazo com a Naturgy e a Repsol, no caso de Espanha, e com a TotalEnergies, no caso francês (com durações que variam até 2038 e 2041).

De notar que a TotalEnergies foi uma das accionistas fundadoras do projecto do Yamal (em 2013) e, nas contas de 2022, assumiu perdas de 3,7 mil milhões de euros com os seus activos russos, embora mantendo os contratos de compra de gás.

A britânica Shell é outra das empresas que compram GNL russo para os mercados europeus, como refere uma análise feita pela agência europeia que reúne os reguladores da energia dos Estados-membros, a ACER.

Uma pequena parte do gás liquefeito russo contratado pela Naturgy também chega ao terminal de Sines (este ano, em Maio, importaram-se cerca de 93 milhões de metros cúbicos, um quarto dos 374 milhões de 2023, segundo as estatísticas da Direcção-Geral de Energia e Geologia).

Em 2023, a Europa voltou a ser o principal destino mundial do gás liquefeito russo (à frente da China, Japão e Coreia do Sul) e, se a maior parte proveio do Yamal LNG (com destino à Bélgica, França, Itália, Países Baixos, Portugal e Espanha), os restantes volumes vieram dos projectos de liquefacção de Portovaya (para a Grécia) e Vysotsk, com entregas à Finlândia, Suécia e Bélgica (ambos estão localizados na região do Báltico, perto de São Petersburgo).

Entretanto, já este ano, em Abril, a Reuters noticiava o envio de um segundo metaneiro russo da Gazprom, a partir do complexo de liquefacção de Portovaya, com destino ao porto espanhol de Bilbau.

Como destaca a análise da ACER, boa parte do gás importado para os terminais europeus – cerca de "mil milhões de metros cúbicos, ou mais", segundo esta entidade – acabou por ser reexportada em 2023 para mercados como China, Taiwan, Índia e Turquia, entre outros.



Portugal, através do porto de Sines, é um dos 48 países que importam gás natural liquefeito

11,5%

O gás liquefeito russo, vindo da Sibéria, representou 11,5% das importações europeias de GNL em 2023

De acordo com os dados anuais da GIIGNL, Espanha é o país que mais reexporta GNL (em 2023, totalizou 28% das reexportações, à frente da China, que representou 19%). A ACER explica que boa parte dos volumes reexportados de Espanha dirige-se a Itália, através de navios mais pequenos, de maneira a poderem entrar no terminal de Panigaglia, em La Spezia.

No caso da Naturgy, por exemplo, a empresa tem contrato com a autoridade eléctrica de Porto Rico para abastecer as centrais eléctricas. Segundo o relatório e contas de 2023, a Rússia manteve-se como o terceiro mercado de origem do GNL comercializado pela Naturgy (a seguir aos Estados Unidos e à Argélia), representando 15% do total (14% em 2022).

A empresa sublinha que, no ano passado, "o calendário de entregas manteve-se tal como estabelecido" e que "não foram aplicadas quaisquer sanções" ao contrato com a Yamal LNG (um contrato que, como a empresa explica, tem cláusulas *take or pay*, em que a empresa tem de pagar os volumes contratualizados, mesmo que porventura diminuísse as vendas).

A ACER sublinha a "complexidade logística" associada ao projecto do Yamal. Devido às limitações sazonais à navegação através do oceano Árctico e do estreito de Bering para o fornecimento de GNL à Ásia, com excepção de três a quatros meses por ano, o GNL "é carregado em quebra-gelos no porto de origem de Sabetta e posteriormente transferido para navios-tanque de transporte de GNL convencionais através de operações navio a navio ou de transbordo".

E são essas operações que passaram a estar na mira da União Europeia com o 14.º pacote de sanções à Rússia, divulgado em Junho. Como explica a ACER, as operações de transbordo do GNL russo são realizadas essencialmente perto dos portos de terminais de importação de Montoir (França) e Zeebrugge (Bélgica). No caso de Zeebrugge foi mesmo construído, em 2019, um novo tanque de armazenagem de GNL, ao abrigo de um acordo de 20 anos com a Yamal LNG, para

MIKHAIL SVETLOV/GETTY IMAGES



DR



facilitar este tipo de operações.

Por isso, quando a UE anuncia que vai proibir as reexportações de GNL comprado à Rússia para fora do espaço europeu, não se pode afastar o cenário de que as empresas europeias que compram ou que exploram as infra-estruturas de gás venham também a ser afectadas por um menor volume de negócios ou pela necessidade de reavaliar contratos com entidades russas.

"Fechar a torneira"

Num artigo publicado pelo serviço diplomático europeu no mês passado, o representante da UE para os Negócios Estrangeiros e Política de Segurança, Josep Borrell, notou que a Europa foi bem-sucedida na redução de importações de combustíveis fósseis russos, como carvão, produtos de petróleo e gás de gasoduto, mas frisou que "a Rússia tem vindo a fazer um regresso silencioso, com o gás russo a totalizar 18% das importações da UE nos primeiros meses de 2024". No artigo intitulado "Fechar a torneira às reexportações de gás russo", o responsável europeu explica que as medidas incluídas no 14.º pacote de sanções proibirão a utilização das infra-estruturas portuárias da UE de recarregar o GNL de um navio para outro. Mas também irão penalizar novos projectos de gás liquefeito russo ao impedir o fornecimento de bens, tecnologias e serviços da UE, tornando-os mais onerosos e mais difícil a Moscovo construir alternativas aos portos europeus.

"Quando as novas sanções entrarem em vigor, os quebra-gelos russos terão de percorrer distâncias muito mais longas para chegar à próxima instalação adequada para transferir o GNL para navios maiores"; com isso terão de suportar custos operacionais mais elevados "e o volume de GNL efectivamente transportado de Yamal, no Árctico, para clientes internacionais será reduzido". Isto sem pôr em causa a segurança do abastecimento energético europeu, nem causar nova disrupção nos preços do gás, acredita Borrell.

Em 2023, as importações globais de GNL cresceram 2,1% para 401 milhões de toneladas. Os Estados Unidos lideraram pela primeira vez a tabela dos 20 fornecedores mundiais (com uma quota de 21% do total) de GNL e a Europa recebeu cerca de dois terços deste gás. Suplantaram a Austrália e o Qatar (com quotas ligeiramente inferiores, de 20% e 19%, respectivamente), e a Rússia e a Malásia mantiveram-se na quarta e quinta posições.

Apesar de existirem muitas vozes críticas relativamente à compra do GNL russo, que ajuda Moscovo a financiar a máquina de guerra contra a Ucrânia, o grupo dos reguladores da energia europeus sustenta que a "redução das importações russas de GNL deve ser encarada com prudência, nomeadamente à luz do termo iminente do contrato de trânsito '*ship or pay*' para o fornecimento de gás por gasoduto da Rússia à Europa através da Ucrânia, no final de 2024".

De acordo com a ACER, isto poderá potenciar uma perda de 13,6 mil milhões de metros cúbicos de gás natural em comparação com os fluxos de 2023. Embora a Europa tenha como meta acabar com a dependência dos combustíveis russos até 2027, a redução das importações russas deverá fazer-se em "etapas graduais, começando com as importações pontuais [os chamados contratos *spot*] de GNL russo", em vez de mexer nos contratos de longo prazo, aconselham.

> **A Rússia tem vindo a fazer um regresso silencioso, com o gás russo a totalizar 18% das importações da UE nos primeiros meses de 2024**
>
> **Josep Borrell**
> Alto representante da UE para os Negócios Estrangeiros e Política de Segurança

Taxa mista dispara no crédito à habitação, período fixo "encolhe" para cinco anos

Rosa Soares

Duração média da fixação da taxa de juro do crédito à habitação era de 13,1 anos em 2022, mais do dobro da registada no ano passado

Já não é novidade que a opção por taxas mistas nos novos créditos à habitação destronou as taxas variáveis, ou indexadas às taxas Euribor, estando essa opção presente em 45% dos empréstimos concedidos em 2023. Mas esta mudança radical (representava 12,3% em 2022) está a ser feita com um período de fixação inicial muito mais curto, uma vez que, em média, este caiu para cinco anos em 2023, contra 13,1 anos em 2022.

Na prática, um número significativo de contratos com taxa mista chega a ter prazos de dois e três anos, o que implicará que a sua transição para as taxas Euribor aconteça no curto prazo. Ou seja, a menos que se verifique uma nova refixação da taxa, a maioria destes empréstimos voltará rapidamente a ficar dependente das oscilações do mercado.

"Esta evolução advém, sobretudo, da maior comercialização e da reformulação do tipo de oferta de crédito à habitação a taxa mista, em que se observou uma redução dos períodos de fixação de taxa, alterações resultantes da adaptação ao contexto de subida das taxas de juro de referência", explica o Banco de Portugal, no Relatório de Acompanhamento dos Mercados de Crédito, divulgado na quinta-feira.

Os novos contratos com taxa fixa durante a duração total do contrato também cresceram no último ano, passando de 6,9% para 12,4%. O peso dos contratos de taxa totalmente fixa e mista subiu, assim, para 57%, no último ano.

Com o crescimento desta modalidade de taxas, os novos contratos exclusivamente indexados às taxas Euribor, na modalidade variável, foram relegados para 42,6% (80,8% em 2022) e 41,5% do montante de crédito concedido (bem longe dos 79,3% em 2022).

Contudo, no total de créditos em carteira (*stock*), a taxa variável continuava a representar no final de 2023 uns destacados 86,2% dos contratos, e 79,1% do saldo em dívida, de acordo com o relatório. A taxa mista ficava-se por 10,6% dos contratos em carteira e a 16,6% do saldo em dívida, e a taxa fixa representava 3,2% do número de contratos em carteira e 4,3% do saldo em dívida.

O crescimento de novos contratos a taxa mista, que deverá acentuar-se no corrente ano, é explicado pela taxa anual nominal (TAN) aplicada no período inicial de taxa fixa dos novos contratos, que se situou, em média, em 3,66% (2,31% em 2022), quando no regime variável, indexado à Euribor a três, seis e 12 meses, a taxa média subiu para 4,88%. A TAN dos contratos a taxa fixa foi, em média, de 4,2% (3,2% em 2022), ou seja, abaixo da actual taxa variável.

Curiosamente, em termos de TAEG – a taxa anual de encargos efectiva global, que mede o custo total do empréstimo para o cliente – os valores ficam muito próximos. A TAEG média nos novos contratos a taxa variável foi a mais alta, de 6,4% (3,5% em 2022), mas ficou perto na taxa mista, nos 6,1% (4,1% em 2022), o mesmo valor que também se verifica na taxa fixa (4,5% em 2022).

Spreads diminuem

No novos contratos e relativamente à avaliação de risco dos clientes que optam por taxa mista ou totalmente variável não se verificam diferenças, apresentando, em ambos os casos, um *spread* médio de 0,93%, contra 1,09% no ano anterior.

Contudo, a maioria dos contratos celebrados a taxa variável em 2023 (73,7%) tinha *spreads* (ou margem comercial do banco) entre 0,5 e 1%, e a importância deste intervalo aumentou de forma significativa face ao ano anterior (45,4%), tendo diminuído o peso dos *spreads* entre os 1 e 1,5 pontos percentuais, que passaram a representar 16,1% dos novos contratos a taxa variável (o que se compara com 47,4% em 2022).

O *spread* médio da carteira fixou-se em 1,11 pontos percentuais no final de 2023, o que representa uma redução face ao ano anterior (1,19 pontos), e uma grande diferença face aos 3,05 pontos registados em 2012. A descida média dos *spreads* acentuou-se a partir de 2015 (2,35%), tendo quebrado a barreira de 1% no ano passado.

O montante do novo crédito concedido à habitação diminuiu, em termos globais, pela primeira vez nos últimos dez anos. Em média, em 2023 foram celebrados 8258 contratos de crédito à habitação por mês, aos quais correspondeu um montante inicial de crédito concedido de 1131 milhões de euros (menos 13,9% que em 2022).

"A redução do montante de crédito à habitação concedido contraria a tendência de crescimento dos últimos anos, apesar de em 2022 o número de novos contratos ter já registado uma ligeira redução", refere o documento.

No final de 2023, as instituições tinham em carteira cerca de 1,35 milhões de contratos de crédito à habitação (menos 9,5% face a 2022), aos quais correspondia um saldo em dívida de 98,7 mil milhões de euros (menos 2,2%).

> **Este crescimento resulta "sobretudo da maior comercialização e da reformulação do tipo de oferta de crédito à habitação a taxa mista", diz o Banco de Portugal**

MANUEL ROBERTO



Período fixo médio era de 13 anos em 2022 e caiu para cinco em 2023

Há três florestas europeias que emitem mais gases poluentes do que absorvem

Primeiro de quatros artigos que vamos publicar quinzenalmente com uma investigação de três jornalistas sobre gestão florestal na Europa, apoiada pelo Earth Investigations Programme do Journalism fund Europe

A absorção de carbono e outros gases de efeito de estufa é uma das mais essenciais funções de uma floresta. Mas nos últimos 20 anos três grandes áreas da floresta europeia falharam nesse papel: emitiram mais gases do que absorveram. A região centro, em Portugal, é uma das áreas com balanço negativo, acompanhada dos bosques de Les Landes em França e da floresta do Harz na Alemanha. Numa investigação apoiada pelo Journalismfund.eu, três jornalistas europeus lançam-se na pista do carbono para responder à pergunta: o que torna uma floresta emissora de gases de efeito de estufa?

Em 2018, no rescaldo dos catastróficos incêndios do ano anterior na região centro, os autores do livro *Portugal em Chamas* perguntavam se a floresta portuguesa era, de facto uma floresta: "Quando uma área florestal não ajuda a conservar solos, a reciclar nutrientes e a armazenar água, [...] quando não armazena carbono durante longos períodos de tempo, nas folhas e troncos, nos solos, raízes e microrganismos, podemos chamar-lhe floresta?"

A pergunta provocatória e as duras críticas ao livro revelam as divisões profundas que o debate sobre a gestão da floresta gera em Portugal. Mas não é só aqui que isso acontece. Em 2021, a União Europeia preparava uma nova estratégia para as florestas, num debate muitas vezes aceso na Comissão, no Parlamento e entre os parceiros sociais. Na altura, os proprietários e gestores florestais europeus, representados por várias associações do sector, expressaram a sua preocupação, dizendo que a estratégia para as florestas não tinha em conta a realidade no terreno.

A condição das florestas da Europa tem vindo a deteriorar-se, como a própria UE concluiu num estudo de 2020. A estratégia para 2021-2030, que tem por base o Pacto Ecológico Europeu, tem como objectivos melhorar a quantidade e qualidade das florestas europeias e torná-las resilientes face à "incerteza das mudanças climáticas". Aqui, conta a neutralidade carbónica que Bruxelas planeia atingir em 2050 e a ambiciosa redução das emissões de gases de efeito de estufa (GEE) em pelo menos 55% até 2030.

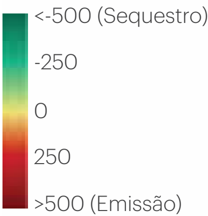
Com a redução dos GEE na mira da Europa, é justo perguntar-nos o que nos trouxe até aqui. Vários factores explicam o balanço das emissões e os incêndios são geralmente responsáveis por picos substanciais. Não só mais frequentes e destruidores, os fogos florestais já não são um problema circunscrito aos Verões quentes e secos do Sul da Europa: "É evidente que hoje, com as alterações climáticas, nós vemos incêndios onde era absolutamente impensável existirem, na Alemanha e até mais acima", alerta o investigador e professor da Universidade de Aveiro Miguel Viegas.

Nesta investigação apresentamos os casos mais graves e associamos gestão florestal a emissões, para explicar porque é que algumas florestas passaram de sumidouros de carbono a emissores de carbono. Quando olhamos para estas três florestas da Europa ocidental, há um elemento comum: a monocultura intensiva.

Em Portugal, o eucalipto, matéria-prima essencial para a indústria da pasta de papel, é há muito o centro de um intenso debate público. Em França e na Alemanha, os pinheiros-bravos de Les Landes e os abetos do Harz também geram discussão. Não há dúvidas de que a monocultura florestal tem impactos ambientais negativos, desde logo porque reduz a biodiversidade. Como em tudo, há quem discorde de que esses impactos sejam significativos.

Fluxo líquido de gases de efeito de estufa da floresta na Europa, 2001 - 2023

Em toneladas de CO_2e por hectare



Nota: dados adaptados da fonte original

Fonte: Harris et al. (2021). Global maps of 21st century forest carbon fluxes. Acedido a 10/07/2024 em Global Forest Watch. Licença CC BY 4.0 (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) PÚBLICO

Terra abandonada: Portugal numa nova era do fogo

Em 2018, dois especialistas america-

nos em incêndios florestais vieram a Portugal estudar a tragédia que tinha atingido o centro do país no ano anterior. “Portugal entrou numa nova era do fogo”, escreveram depois no seu relatório. Mark Beighly e Albert C. Hyde avisaram na altura que, no tempo das alterações climáticas, pequenas reformas não seriam suficientes para diminuir o risco e que sem mudanças rápidas e profundas Portugal poderia esperar algo bem pior do que 2017.

Por detrás da tragédia, diz o relatório, estava a falta de gestão da floresta. Os autores estimavam que 80% da floresta portuguesa não estava a ser gerida. Na origem do problema diziam estar, entre outros factores, as más práticas de gestão, sobretudo associadas à monocultura do eucalipto e pinheiro, responsáveis pela criação de “grandes áreas sobrelotadas de monocultura de classes de idade única”.

A contabilidade dos prejuízos, dos mortos e dos hectares queimados não é estranha aos portugueses. É um facto que a floresta arde no Verão. Para além de todos os impactos humanos, sociais e económicos que conhecemos, os incêndios têm também enormes impactos ambientais, ao comprometerem uma das mais básicas funções da floresta – a de absorver carbono. Por isso, na era das alterações climáticas, a pergunta impõe-se: está a nossa floresta preparada para resistir aos incêndios? E ainda: que interesses guiam a gestão florestal em Portugal?

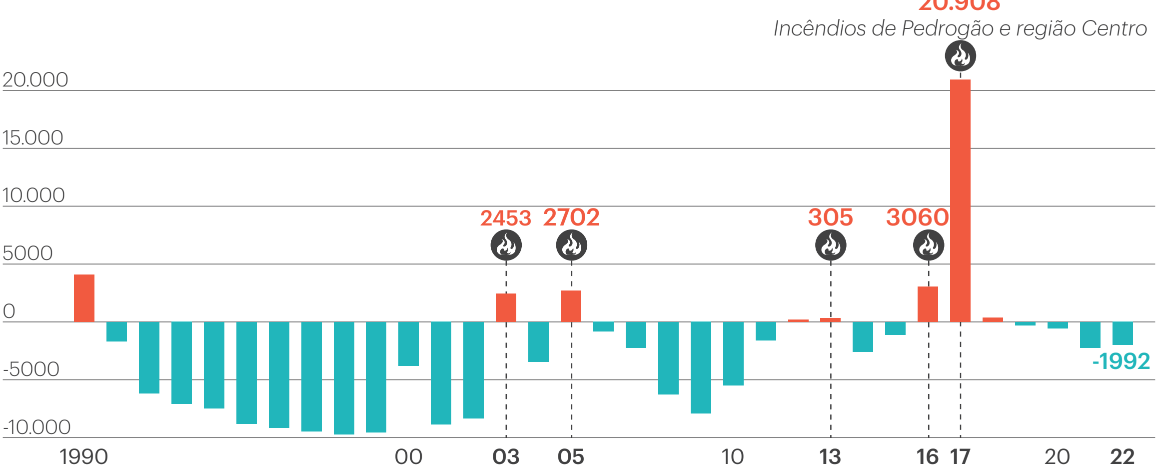
Para começar, é importante dizer que a floresta portuguesa está quase toda em mãos privadas. Mais concretamente, 97%. Apesar do peso dos privados, a floresta em Portugal continua a ser, para muitos proprietários, um mau negócio. A consequência imediata desse desinteresse é o abandono. A falta de perspectivas de longo prazo leva muitos proprietários a investir em espécies de crescimento rápido e que dêem lucro rapidamente. É o caso do eucalipto.

Ainda assim, é importante perceber que os problemas não estão só em Portugal e, como vimos, as alterações climáticas criam novos desafios em novas geografias. Olhamos agora para outros dois casos, que têm paralelos com Portugal, mostrando que o desafio da gestão florestal na era das alterações climáticas não conhece fronteiras.

O reino da monocultura na maior floresta francesa

Para atravessar Les Landes, junto à costa ocidental francesa, são precisas mais de três horas de carro, percorridas entre pinheiros-bravos plantados em filas direitas e sem fim à vista. Com milhões de hectares, estas monoculturas formam hoje a maior floresta artificial da Europa ocidental.

São poucos os silvicultores da região que escolheram um modelo



alternativo. Éric Castex é um deles. O proprietário faz parte da rede Pro Silva, uma federação europeia de silvicultores profissionais que promove uma cobertura florestal mista, respeitadora dos processos naturais dos ecossistemas florestais. Seguindo esta filosofia, Éric é um fervoroso adepto da regeneração natural, baseada no princípio de que as sementes crescem naturalmente onde as condições forem favoráveis.

A floresta de Éric Castex é como um jardim secreto onde crescem várias espécies, entre as quais castanheiros e, claro, pinheiros-bravos, que se instalaram naturalmente através da regeneração natural. Muitos já se tornaram seguidores desta “floresta desordenada”, como Éric lhe chama. “O que me interessa é o mundo vivo e há tipos de conhecimento que não podemos ignorar”, diz Éric. Uma floresta diversa, explica, é capaz de manter a rede micorrízica que, invisível aos olhos humanos, liga árvores e fungos numa relação de simbiose. É através destas ligações que se transfere água, nitrogénio, carbono e outros minerais essenciais, regulando assim a humidade da floresta, num processo essencial para a resistência a fogos e pragas.

Como muitos outros, este silvicultor aprendeu o tipo de gestão florestal ensinado nas universidades francesas, mas cedo se sentiu desalinhado com as práticas convencionais. A gota de água foi as medidas lançadas depois das devastadoras tempestades que atingiram Les Landes em 1999 e 2009. Nessa altura, decidiu-se reflorestar a região com as mesmas monoculturas de pinheiro-bravo do passado. Éric Castex e outros membros da Pro Silva, vendo na necessidade de reflorestação uma oportunidade para repensar a floresta, não compreenderam a aplicação do mesmo modelo.

Tal como Portugal, França enfrenta incêndios florestais cada vez maiores e mais frequentes. Em 2022, no Verão em que a serra da Estrela ardeu como há muito não se via, Les Landes enfrentou também enormes incêndios, com severo impacto ambiental:

ERIKA DI BENEDETTO



Éric Castex aposta na regeneração natural e defende a plantação de espécies autóctones

Carbon Forests Project
Esta investigação foi desenvolvida pelos jornalistas Rita Cruz, Louisa Bouri-Saouter e Kai Rüsberg. Rita Cruz é jornalista *freelancer* e vive e trabalha actualmente em Gotemburgo, Suécia, assim como Louisa Bouri-Saouter, jornalista francesa a viver em Estocolmo. Kai Rüsberg trabalha como jornalista para o serviço público de rádio e televisão ARD, na Alemanha.



30 mil hectares ardidos e cerca de um milhão de toneladas de CO2 libertado para a atmosfera.

A exploração intensiva desta floresta tem vindo a ser muito criticada. Apesar da clara falta de resiliência da floresta, a produção florestal continua a crescer. Práticas como o corte raso, a hibridização das pinhas para aumentar o ritmo de crescimento, o uso de máquinas que destroem o solo ao destruir vegetação e raízes, têm merecido oposição de muitos ambientalistas, académicos e gestores como Éric Castex e os membros da Pro Silva.

“Temos de desenvolver estratégias de gestão que preservem as funções fundamentais da floresta e das quais dependemos”, alerta Cornelius Senf, investigador e professor de Ecologia na Universidade Técnica de Munique. Para Éric Castex, a Pro Silva e outros agentes no terreno, um modelo de exploração intensiva não atende essas necessidades.

O poderoso *lobby* florestal francês é alimentado por decisões políticas e apoio financeiro público. A maior cooperativa florestal do país, a Alliance Forêt Bois, tem grande influência em Les Landes e tem vindo a expandir-se para toda a costa ocidental francesa, adquirindo empresas a montante e jusante do sector madeireiro para assim controlar todas as fases de produção. Das árvores que plantam, 94% são coníferas, família que inclui o pinheiro-bravo.

Uma floresta-fantasma no coração da Alemanha

Da praça do mercado de Wernigerode, nas montanhas do Harz, vê-se uma das mais belas formas de CO2 armazenado: seculares esculturas de madeira que decoram as casas típicas desta região da Alemanha central. A câmara municipal foi construída com troncos de árvores caídos há mais de 500 anos na vizinha floresta do Harz.

A cidade é atravessada por uma linha de comboio, que nos leva através das serras do Harz, durante séculos quase completamente cobertas de uma floresta densa. Estas eram, na sua maioria, áreas para exploração comercial onde o abeto foi, outrora, a espécie dominante. A espécie é pouco comum em Portugal e geralmente cresce nas regiões frias do hemisfério norte, uma árvore de grande porte e em forma de cone, como um pinheiro, a cuja família pertence. Hoje, do velho comboio a vapor vêem-se apenas clareiras: dois terços dos abetos morreram. Troncos brancos e cinzentos, mortos, erguem-se no alto, uns sobre os outros, como varas gigantes de micado.

Se nos apearmos do comboio na zona de planalto, parecemos entrar num cenário de guerra. Pragas de escaravelhos derrubaram quase toda a floresta. Conseguimos ver buracos na casca dos abetos, feitos por estes insectos, desenhando pequenos túneis que se multiplicam até correrem lado a lado. As larvas vivem na própria casca, de que as árvores dependem para sobreviver, e alimentam-se da sua seiva. Se se multiplicarem demasiado, a árvore morre.

A maioria das espécies de escaravelhos só ataca ramos secos e madeira morta. Árvores saudáveis conseguem normalmente resistir à praga produzindo uma resina pegajosa. Mas os abetos do Harz foram sendo enfraquecidos por anos e anos de seca.

As enormes quantidades de madeira morta resultantes da queda das árvores acabaram por gerar uma disputa. Alguns proprietários limparam as áreas afectadas, mas a administração do Parque Nacional do Harz fez exactamente o contrário. De acordo com os gestores do parque, a madeira morta fortalece a floresta, ao armazenar água, funcionando assim como uma defesa contra incêndios.

A ONG Naturschutzbund defende que deixar ficar a madeira morta tem vantagens, como a criação de habitats propícios a muitos organismos, como fungos e insectos, e o aprisionamento de CO2 no solo. Além disso, a maquinaria pesada necessária para fazer a limpeza causa danos irreversíveis no solo. À falta de um entendimento, a disputa foi a tribunal e os ambientalistas ganharam. A maior montanha do Harz é, agora, uma floresta-fantasma de abetos mortos.

A magnífica noite de Dua Lipa entre amigos no NOS Alive

A soul temperada de Arlo Parks ajudou a resgatar a noite da tepidez. Depois, Dua Lipa armou um primoroso espectáculo pop, como se fosse apenas mais uma sexta-feira em que saiu para dançar com os seus

Gonçalo Frota

Há qualquer coisa de inesperada e reconfortantemente real em Dua Lipa. Talvez seja a sensação de não acusar um grama de excesso de ego durante a hora e meia em que a vemos em palco; talvez seja o facto de dividir a actuação em cinco partes, retirar-se de cena nos pequenos intervalos entre cada uma e não mudar uma única vez de guarda-roupa; talvez seja o facto de dançar o tempo todo, mas com raro recurso a coreografias muito elaboradas; talvez seja a desconfiança de que esta sexta-feira à noite, salvaguardadas as inevitáveis e devidas diferenças, se parece com qualquer outra noite de sexta-feira em que a cantora inglesa (de origem albanesa) sai para dançar com os amigos.

Sabemos que é um espectáculo pop, planeado ao milímetro, com um alinhamento que não admite uma única variação em relação à sua actual digressão de apresentação do álbum *Radical Optimism*, testado e limado para ter o público na mão. E, no entanto, tudo parece espontâneo, cada movimento de ancas, cada passo firme numa dada direcção, cada pose não se sente como gestos repetidos em cada actuação, no mesmo instante, de acordo com uma partitura rígida. Porque Dua Lipa tem dezenas de milhares de pessoas pela frente, há uma multidão a separá-la de quase todos/as os/as espectadores/as que enchem o Passeio Marítimo de Algés e, no entanto, parece que estamos com alguém próximo, familiar, real, sem as camadas que sempre separam as nossas vidas das existências das estrelas pop que nos habituamos a espiar em ecrãs gigantes. Como se fosse ou pudesse ser do nosso mundo íntimo. E essa é uma qualidade ao alcance de raras figuras desta dimensão e uma das maiores vitórias deste concerto.

Não haja dúvidas: a actuação de Dua Lipa é o grande momento do segundo dia de Alive. E mesmo se o seu reportório não está sempre num nível muito elevado, não há outro espectáculo que se lhe compare em eficácia e grandiosidade, graças a uma linguagem radicada numa revitalização da sonoridade disco, com enorme apuro pop e uma valentíssima dose de hedonismo – que se cumpre, sobretudo, nos dois extremos do concerto: o arranque, com a imbatível sequência que dá forma ao primeiro acto, composto por *Training season*, *One kiss* (a sua colaboração com o produtor e mestre da movida de Ibiza Calvin Harris), *Illusion*, *Break my heart* e *Levitating* (a meias entre *Radical Optimism* e o anterior *Future Nostalgia*), e o *encore*, com *Physical*, *Don't start now* e *Houdini* (os mesmos dois álbuns em destaque).

Amor e obrigada

Dua Lipa começa em modo *femme fatale*, num cenário preto e vermelho que parece querer fazer dela uma *Bond girl*. É *Training season*, guitarra e baixo a assumir filiação funk, sintetizadores costurados à medida para a pista de dança, seguida da presença virtual de Calvin Harris em *One kiss* – a partir daí, está aberta a temporada disco-pop, rasante ao legado de Kylie Minogue, com um pouco de Madonna e Moloko à mistura, para, pouco depois, com a chegada da grandiosa *These walls*, se vislumbrar uma vocação mais pop, numa paragem a meio do caminho entre Katy Perry e Stevie Nicks. Dua Lipa está, então, a dar início ao segundo acto do seu espectáculo, a banda desce das plataformas em que se encontra de início, reclama o centro do palco e há um pico de humanização – não é ela sozinha, nunca é. Logo a seguir, para se aproximar ainda mais do público, diz a cantora em português: "Um beijo grande para vocês." E, sem pausas, para se aproximar ainda mais de todo o público, elogia as boas práticas inclusivas do Alive e, em língua gestual portuguesa (LGP), diz "amor e obrigada".

São palavras em LGP que aprendeu durante a tarde com Mariana Bártolo e Sebastião Palha, membros da comunidade surda que integraram um projecto-piloto desenhado pela NOS com a Access Lab (empresa que trabalha a acessibilidade em eventos culturais para pessoas com deficiência). Catarina Oliveira, porta-voz da Access Lab explica ao PÚBLICO que os coletes sensoriais com tecnologia 5G usados por espectadores surdos permitiu-lhes circular pelo recinto e sentir a música através do som transformado em vibrações. "Foi uma imersão", descreve Mariana Bártolo, médica de 30 anos, crescida numa família de música e com surdez profunda. "Porque a Dua Lipa é uma cantora pop, muito visual, com muita dança e muito movimento, e para nós, pessoas surdas, a acessibilidade não se faz apenas através do som."

"Através dos coletes sentimos em todo o corpo, durante uma hora e meia, a vibração constante da música, o que leva a que nos liguemos ao ritmo da artista", explica ainda. O mesmo conta Sebastião Palha, psicólogo de 33 anos. "Consigo ouvir alguma coisa, mas a experiência com o colete permitiu-me sentir o som de forma mais nítida." Ambos seguiram também o concerto através do *streaming* de interpretação de LGP nos seus telemóveis, de forma a acompanharem as letras e as palavras que Dua Lipa dirigiu ao público. Menos quando a cantora lhes disse "amor" e "obrigada", lembrando-os de que estava também a cantar para eles.

A intimidade de Arlo Parks

Bendita Dua Lipa. O maior nome da pop presente nesta edição do Alive – que, em 2020, na edição cancelada pela pandemia, deveria ter recebido Taylor Swift e Billie Eilish, enquanto há um ano chamou ao cartaz Lil Nas X –, cada vez mais poroso a sonoridades menos associadas aos festivais de perfil inde, salvou uma segunda noite de festival demasiado morna. Uns bons furos acima da mediania generalizada, ainda assim, Arlo Parks acudiu à chamada e substituiu em cima da hora, a estrela do amapiano Tyla. Perdeu-se a oportu-

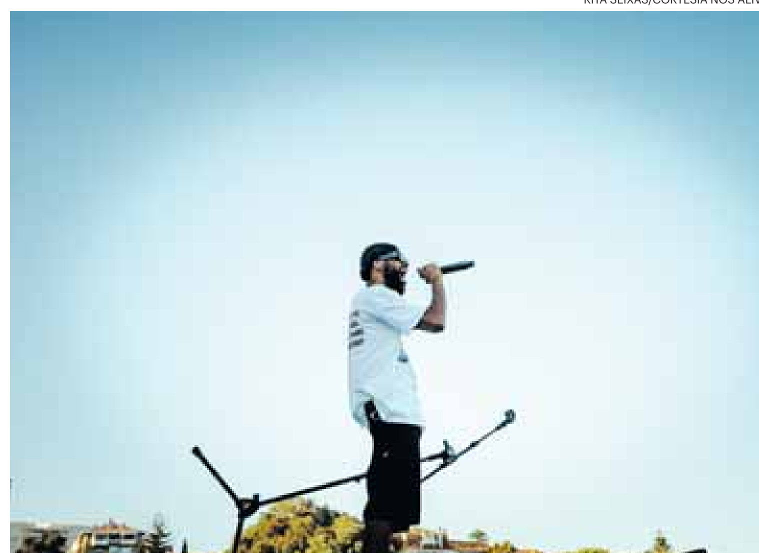




RITA SEIXAS/CORTESIA NOS ALIVE



RITA SEIXAS/CORTESIA NOS ALIVE



MATILDE FIESCHI/CORTESIA NOS ALIVE



nidade de observar como se daria a cantora sul-africana de *Water*, após a sua vertiginosa ascensão aos 22 anos, num palco deste calibre, ganhou-se a originalidade encantadora da britânica quase da mesma idade (23) – a sua soul temperada poderia ter como receita mais óbvia uma voz vistosa e espalhafatosa, mas Parks canta (em disco ou em palco) como quem segreda timidamente a sua intimidade.

É um lugar pouco habitual nos palcos dos grandes festivais, este de artistas que parecem avessos a multidões e pouco talhados para carregar de espectacularidade extra-musical as suas actuações. E uma escolha que, se contrasta com a extroversão bela e confiante de Dua Lipa, está nos antípodas da bizarria gótico-manga de Ashnikko, que a antecede no palco principal. Não será, provavelmente, coincidência que Parks e Ashnikko sejam um casal – os extremos atraem-se mesmo, certo? –, e a *rapper* norte-americana (que parece cuspida para o palco directamente das páginas de uma banda desenhada japonesa hiper

Dua Lipa e Arlo Parks foram os pontos altos numa noite que viu a ambição enorme de um artista a crescer: T-Rex

É um espectáculo planeado ao milímetro, mas tudo parece espontâneo, cada movimento, cada pose

sexualizada) terá sido a grande inspiração para o segundo álbum de Parks, *My Soft Machine*.

Se Arlo Parks parece não colocar distância alguma entre a música e as emoções, Ashnikko, qual cruzamento entre Nina Hagen e Dragon Ball, comporta-se como uma personagem de riso maléfico, canções inspiradas por M.I.A. e Missy Elliott, tudo pré-gravado e partilhado com duas bailarinas que nunca primam pela subtileza. É como se uma sequência de vídeos de danças libidinosas e alguém a cantar por cima de temas tocados em fundo fosse promovida do TikTok para os cartazes de festivais. Não é que os temas de *Demidevil* (*Slumber Party*), *Weedkiller* (*You Make Me Sick!* e *Cheerleader*) e outros (*Working bitch*) não encontrem graça no excesso, mas passamos o concerto à espera de ver se, qual boneca insuflável, alguma rabanada de vento a levará para longe ou alguma unha mais afiada a esvaziará de supetão.

Arlo Parks, portanto, nada tem que ver com isto. Acompanhada por um sólido trio (guitarra, baixo e bateria, para quê inventar a roda?), Parks vagueia pelas canções de *Collapsed in Sunbeams* e *My Soft Machine*, uma soul sempre a espreitar alguns raios de psicadelismo, umas melodias de luz pop (*Pegasus*), umas partículas de jazz aqui e ali (*Sophie*), uma tangente a Prince (*Devotion*), um concerto belíssimo sem precisar de ir além de voz e instrumentos.

Fucking lenda viva

Dua Lipa e Arlo Parks foram mesmo os pontos altos numa noite que não se permitiu outros voos do mesmo calibre. Michael Kiwanuka cumpriu bem com aquela sua soul que é mais viva sempre que se aproxima dos anos 70 e épica quando dá corda ao coro que o acompanha, mas a maior parte do tempo soa a eco de Ben Harper, música soul mastigada e pronta a engolir por surfistas no mesmo trago do que Jack Johnson; Jüra mostrou que há qualquer coisa a despontar na sua pop suave, suavezinha, movida por beats electrónicos (como filha serôdia do trip-hop, do breakbeat, do drum'n'bass), mas mais interessante sempre que ganha nervo e se afasta da ligeireza; Nathaniel Rateliffe provou que faria furor num concerto para melhor declinação folk dos Arcade Fire; os Sea Girls exibiram-se como exemplo perfeito da banda de guitarras britânica cujas canções soam à melhor coisa do mundo enquanto duram, facção *feel good*, mas depois se trocam logo por quaisquer outras que também prometam a eternidade; as Larkin Poe revelaram que há espaço para umas Haim vindas do bluegrass e da country, Nashville em todo o seu esplendor *hillbilly*, entre John Cougar Mellencamp e Black Crowes, sempre com um pezinho a deslizar para o abismo; e ainda o sol estava longe de se pôr, as canções doces e acústicas de Malva confirmaram-se como um dos segredos mais bem guardados da música portuguesa.

E houve, claro, o concerto de consagração de T-Rex enquanto artista português mais escutado em 2023 nas plataformas de *streaming*. Há muitos recursos e muita riqueza estilística nesta voz (é trap, é rap, é soul, é r&b, é o que ele quiser), há canções de valia e um apelo popular a justificar a sua presença no cenário principal do Alive, há uma ambição enorme a pulsar-lhe nas veias ("Vou tornar-me uma *fucking* lenda viva neste país", prometeu, apontando ainda a levar a língua portuguesa para outros patamares de reconhecimento internacional), mas há também ainda um reportório à procura da melhor forma de resistir nos grandes palcos e uma instrumentação ainda a precisar de ser calibrada para atirar temas como *Tá tudo bem, Tempo, Dias* (celebrados por uma pequena multidão conhecedora) para outro patamar. Mas T-Rex, já o percebemos, está ainda a crescer, não é este o seu destino final.

Tal como não será, suspeita-se, o desta Dua Lipa, capaz de fazer de um festival com a dimensão do Alive uma memorável noite entre amigos. E para a próxima sexta, Dua Lipa, quais são os planos?

Cultura

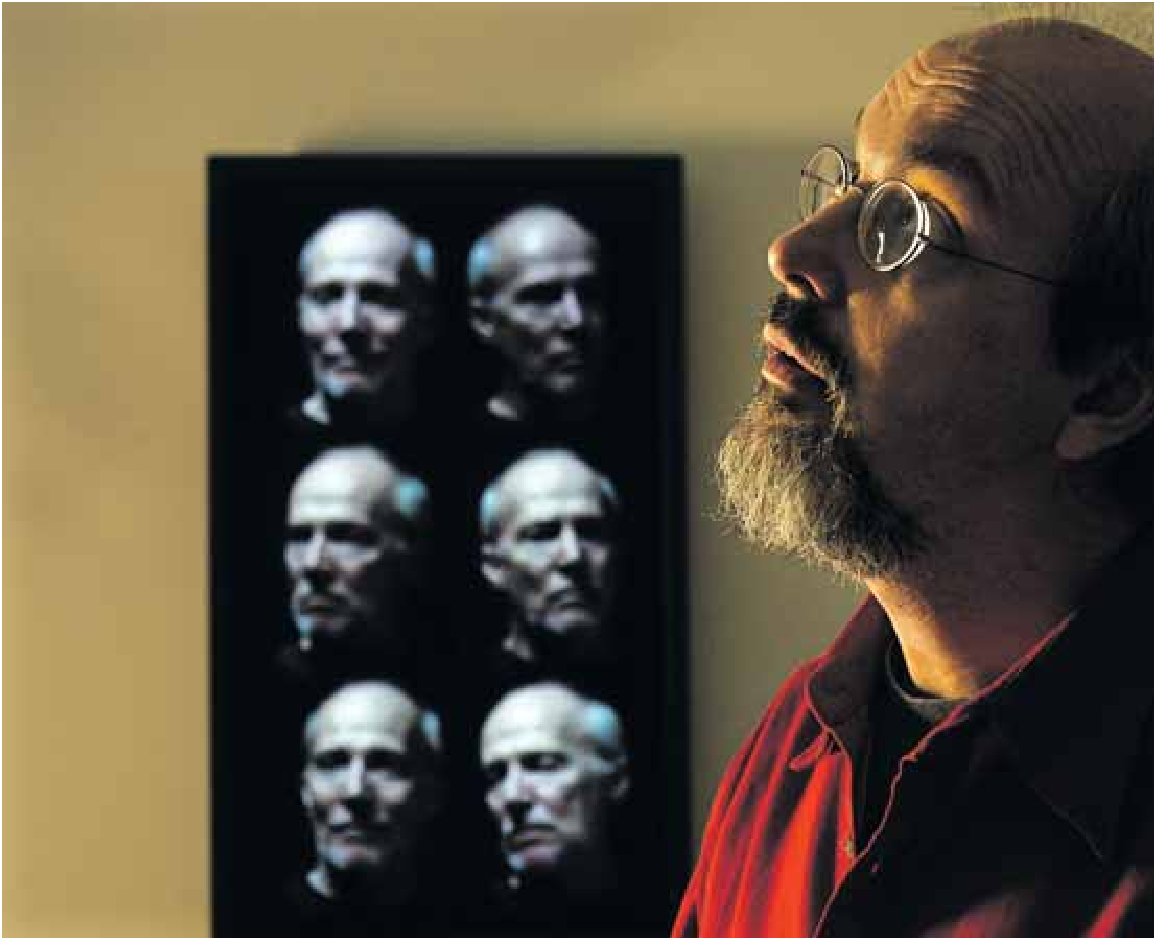
Uma experiência mística, a da grande arte

Obituário

José Marmeleira e Mariana Duarte

Bill Viola (1951-2024)

Para os que o apreciavam, ele oferecia a experiência mística da grande arte; para outros, era a mistificação da tecnologia



ANNE CUSACK/LOS ANGELES TIMES VIA GETTY IMAGES

O norte-americano Bill Viola, uma das mais influentes figuras da videoarte, morreu nesta sexta-feira na sua casa em Long Beach, Califórnia, avança o *The New York Times*. Tinha 73 anos. Segundo a sua companheira, directora de estúdio e parceira artística, Kira Perov, as causas da morte estão relacionadas com complicações decorrentes da doença de Alzheimer.

Quem hoje pensar na categoria, algo desusada, de "videoarte" é muito provável que se lembre do seu nome. Viola não será o único associado à arte produzida em vídeo, mas é inescapável se formos rigorosos e generosos com as experimentações artísticas que marcaram os anos 70 e 80 do século passado. Nascido em Queens, em Nova Iorque, em 1951, foi um dos primeiros artistas (ao lado de Gary Hill, nascido no mesmo ano) a explorar as possibilidades do programa de computador e efeitos especiais digitais. Foi também um dos artistas a considerar que o vídeo (ou sua imagem) era o conteúdo da própria obra, sugerindo a presença de um determinismo tecnológico no campo da arte.

Formado na Universidade de Siracusa em 1973, estudou artes visuais com Jack Nelson e com o professor de música electrónica Franklin E. Morris. A influência deste último terá sido relevante no percurso ulterior de Viola, pois muitas das aulas incluíam actuações de carácter multimédia, com a reunião de música, teatro e artes visuais.

Na mesma década, viveria mais de um ano em Florença, como director técnico de um dos primeiros estúdios na Europa de videoarte. Em 1976, o primeiro momento significativo da sua carreira dá-se quando se torna artista residente do laboratório WNET Channel 13 Television em Nova Iorque. Aqui encontra outros artistas sensíveis às possibilidades do vídeo (Nam June Paik, Bruce Nauman e Vito Acconci) e até 1980 criará uma série de obras, uma boa parte das quais viriam a ser estreadas na televisão.

Como muitos dos seus pares, crescera num mundo de imagens, de imagens em movimento, em especial as imagens produzidas e disseminadas pela televisão e pelas câmaras de filmar. Contudo, e ao contrário de Bruce Nauman, James Turrell e Peter Campus, o seu trabalho veio a ultrapassar os limites dos monitores de vídeo – deixando para trás a tensão provocada pela presença da câmara e a transmissão imediata do que ela captava –, introduzindo os espectadores em espaços escurecidos, pontuados por focos de luz.

Com um percurso pautado por exposições em alguns dos principais museus e galerias de arte contemporânea, representou os EUA na Bienal de Arte de Veneza em 1995, para a qual produziu uma série de obras intitulada *Buried Secrets*, incluindo uma das suas peças mais conhecidas, *The Greeting*, interpretação de *A Visitação de Pontormo*, pintura a óleo sobre madeira de 1528/1530 da autoria do italiano Jacopo Pontormo. Em 1997, o Whitney Museum of American Art organizou uma grande retrospectiva de 25 anos da sua obra, que fez escalas em vários países.

Para os seus críticos, o trabalho de Viola confundia a percepção do corpo com a mediação tecnológica

Foi precisamente esta digressão que veio a assinalar uma mudança na experiência da arte feita em vídeo. Obscurecido o espaço, o espectador era posto, nas palavras do teórico e crítico de arte Hal Foster, entre a contemplação e o espanto. Continuando com este autor: "Se os efeitos fenomenológicos das instalações não desapareciam totalmente – em certa medida eram até intensificados –, confundiam a percepção do corpo com a mediação tecnológica."

Resumindo, e parafraseando certa recensão crítica ao trabalho de Viola, as suas instalações, mais do que enfatizarem a projecção do espectador na personagem e na narrativa (do cinema de Hollywood, por exemplo), lançavam-no num espaço totalmente dominado pelo som e pela imagem. Obras como *The Sleep of Reason* (1988), *Reasons for Knocking at an Empty House* (1982), *Room for St. John of the Cross* (1982), *The Crossing* (1996) ou *Going Forth by Day*, feito de cinco vídeos e concluído em 2002. Apelidado de fresco cinematográfico, foi considerado pelo *New York Times*, aquando da sua primeira e parcial apresentação, uma meditação sobre temas épicos da existência humana como a sociedade, a morte ou a ressurreição. Para aqueles que apreciavam semelhantes propostas, o que Viola oferecia era uma experiência mística, a da grande arte; para outros, incluindo Foster, os vídeos não eram outra coisa que mistificação da tecnologia, escondida nas salas escuras.

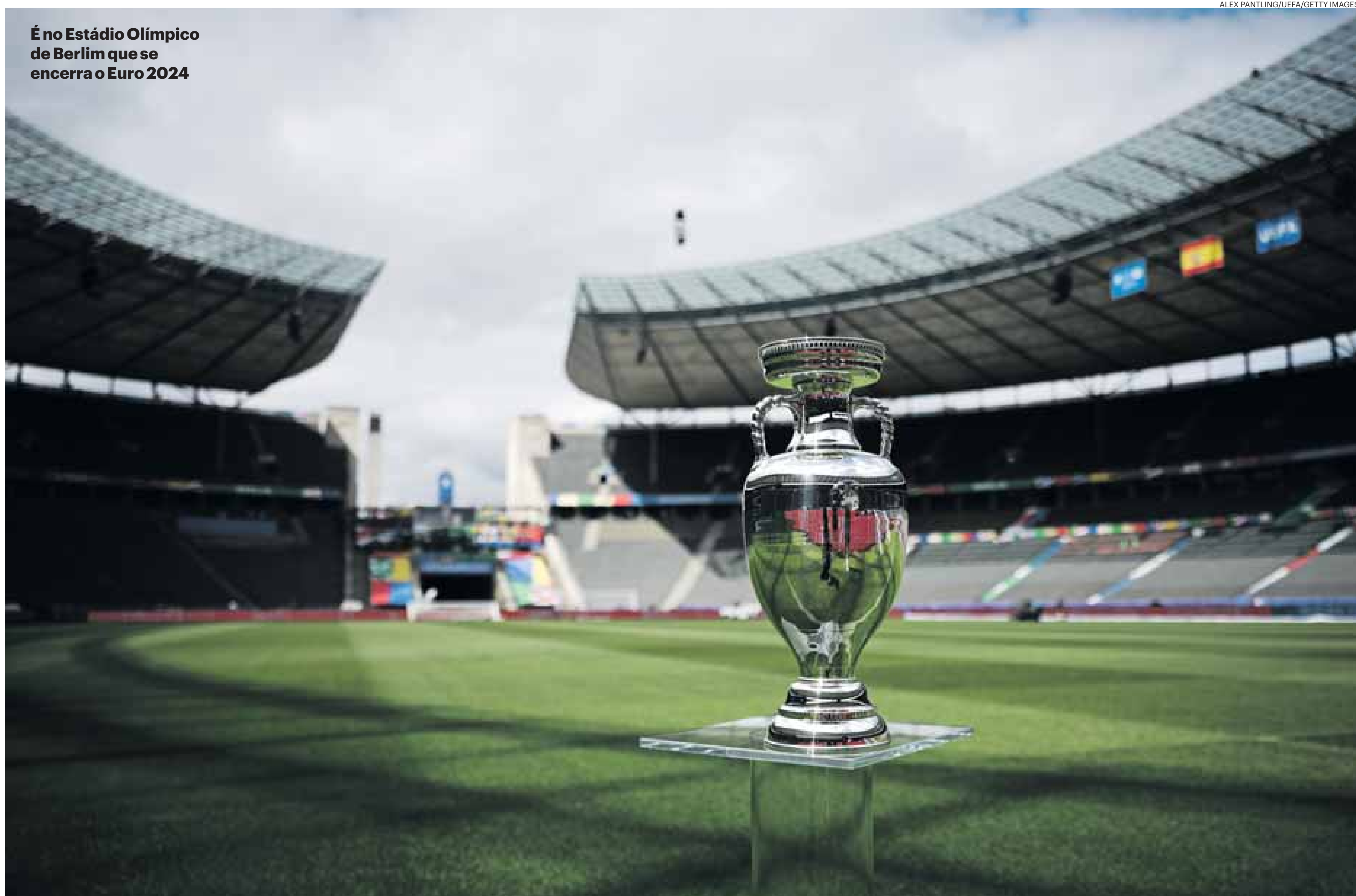
Em causa, estava a espectacularização do vídeo, que escondia uma ideia sublime da técnica que subjugava o corpo e o espaço. Esta outra crítica – a de que os vídeos de Viola reinvestiam a representação tecnológica com a imagem mitológica e experiências religiosas – veio a afastar o artista, nas duas últimas décadas, de um certo sector da arte contemporânea, desconfiando de qualquer sinal de esteticismo. Em contrapartida, do campo dos estudos do cinema e da imprensa especializada desta arte, a curiosidade permanece. Em 1986, a revista *Cahiers du Cinéma*, pela pena e ouvido do teórico e crítico de cinema francês Raymond Bellour, dedica-lhe uma entrevista, que em 2010 terá nova versão com as perguntas de Cyril Béghin (a propósito de uma exposição no espaço Le Fresnoy, em Tourcoing, França). Nesta entrevista, onde discute amplamente o seu trabalho e a relação entre o cinema e o vídeo, considera que este veio exprimir a crise existencial do homem, professa o seu amor pelos grandes da pintura e do cinema (Tarkovski, Kubrick e Herzog são mencionados). E conclui que "estar só diante de uma imagem é uma das experiências humanas mais preciosas".

Em 1989, a Fundação Gulbenkian trouxe a Lisboa, pela primeira vez, uma selecção dos seus trabalhos em vídeo e instalação, no âmbito de uma anterior exposição itinerante da sua obra. Esta mostra, instalada no então Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, apresentava uma visão geral do percurso de Viola (representado na colecção do CCB, com a instalação *Il Vapore*, 1975) desde as suas primeiras experimentações com vídeo até à incorporação deste em instalações que sincronizavam vários elementos, incluindo o som, que sempre se destacava nas suas obras.

Em 2014, Bill Viola criou *Martyrs (Earth, Air, Fire, Water)* para a Catedral de São Paulo, em Londres, obra constituída por quatro ecrãs verticais que remetiam para os polípticos pintados na Idade Média para os altares das igrejas. Em cada um dos ecrãs, uma pessoa era massacrada por um dos elementos naturais indicados no título da obra.

"Isto não é uma exibição *gore*, mas há uma sugestão sadomasoquista que desafia os clichés religiosos", escrevia à época Jonathan Jones no jornal britânico *The Guardian*. A partir deste "Caravaggio de alta tecnologia" que redefinia "o que é a arte sacra", o crítico via *Martyrs (Earth, Air, Fire, Water)* como uma explicação de Viola para "o mistério da coragem humana que sobrevive ao impensável".

ALEX PANTLING/UEFA/GETTY IMAGES



É no Estádio Olímpico de Berlim que se encerra o Euro 2024

Espanha-Inglaterra: favoritos contra os milagres

A *"roja"* é a escolha consensual para melhor equipa do Euro 2024, mas ninguém esperava que os britânicos chegassem tão longe. Quem sairá vencedor da final em Berlim?

Marco Vaza

Relações entre Espanha e Inglaterra? Como se diria numa certa rede social, "é complicado". São monarquias e aliados na NATO, mas os dois países têm uma história de conflitos e disputas, uma das quais ainda viva (mais simbólica do que outra coisa), localizada no Sul da Península Ibérica, um pedaço de terra e rocha chamado Gibraltar. Também discutem no futebol quem tem o melhor campeonato do mundo, La Liga ou Premier League e, hoje, em Berlim (20h, RTP1), discutem quem tem a melhor selecção da Europa. O quarto título da Espanha (já ganhou em 1964, 2008 e 2012), ou o primeiro da Inglaterra, uma destas frases será verdadeira depois de concluído o Euro 2024.

Exactamente um mês depois de ter arrancando com um Alemanha-Escócia, e depois de feita a selecção entre os 24 países participantes, somos brindados com um Espanha-Inglaterra, que não é, de todo, uma final inesperada. Mas este último mês de competição legitimou um dos finalistas como o maior candidato ao título, a Espanha, e o outro, a Inglaterra, como um candidato a mais um milagre, tendo em conta o seu percurso.

A verdade é que há um grande consenso sobre qual foi a melhor equipa do Euro 2024. A Espanha foi a única selecção que ganhou todos os seus jogos da fase de grupos (e era o "grupo da morte", com Croácia e Itália) e resolveu todas as suas eliminatórias sem ter de ir ao desempate por penáltis. Bom futebol, estruturado e atacante, uma equipa que sabe o que está a fazer e como reagir à adversidade – ganhou com reviravolta à Geórgia e à França.

Se a Espanha não era a maior favorita ao título, agora é. E muito deve ao seu treinador, Luis de la Fuente, que, em 20 jogos como seleccionador

28,5

milhões de euros é quanto totalizará a Espanha se vencer a final. Um triunfo de Inglaterra vale 27,5 milhões no torneio

(ficou com o lugar de Luis Enrique em Dezembro de 2022), ganhou uma Liga das Nações (a final com a Croácia foi o seu quarto jogo no cargo), qualificou-se para o Euro 2024 e chegou à final do torneio continental. Antigo lateral com carreira feita no Athletic Bilbau, De la Fuente estava nos sub-21 espanhóis quando foi o escolhido para reanimar a *"roja"* depois do grande fracasso que fora o Mundial de 2022 (eliminada por Marrocos nos "oitavos").

E esse passado de treinador de formação está bem presente nesta Espanha, como mostra a aposta sem reservas em Yamal, o prodígio formado em La Masia que marcou um golo fenomenal nas "meias" com a França. Deu o papel principal ao jovem que completou 17 anos no dia anterior a esta final, mas, claro, a Espanha não é apenas o jovem craque do Barcelona por quem já ofereceram 250 milhões. Há Nico Williams, Pedri (que não jogará a final), Cucurella, Dani Olmo (excelente Europeu para o atacante do Leipzig), Rodri, Fabian Ruíz, Morata e todos os outros – já foram utilizados 25 e todos cumpriram o seu papel.

De milagre em milagre

Já se sabe que a Inglaterra entra em todos os torneios a transbordar de optimismo. Este Euro 2024 não fugiu à regra, com uma confiança total numa equipa com o melhor do que a Premier League (e não só) tinha para oferecer. Os dias do Euro foram passando e esse optimismo foi-se transformando em desconfiança. Será que esta Inglaterra iria chegar longe? De exibição cinzenta em exibição cinzenta, com alguns momentos de brilhantismo e fortuna pelo meio, aqui está a equipa no palco da decisão.

Não se esperava que fosse assim uma equipa com Jude Bellingham, Phil Foden, Bukayo Saka, Kobbie Mainoo, Declan Rice ou Harry Kane. O que a Inglaterra sofreu para aguentar um empate com a Dinamarca (1-1) ou o que não fez para evitar um empate com a Eslovénia deu para seguir em frente e, depois, vieram os milagres. O milagre da bicicleta de Bellingham a salvar os britânicos nos oitavos-de-final com a Eslováquia, o milagre da inspiração de Saka nos "quartos" frente à Suíça e o milagre de Watkins nas "meias" com os Países Baixos.

Gareth Southgate, o seleccionador, é o alvo de todas as críticas, por algumas escolhas duvidosas e equívocos tácticos e estratégicos, mas também é justo reconhecer que, com ele (no cargo desde 2016), a Inglaterra esteve em todos os torneios desde então (algo que nem sempre acontecia) e com carreira longa – meias-finais no Mundial 2018, "quartos" no de 2022, mais as duas finais em dois Europeus. Em 2020, só perdeu nos penáltis com a Itália, em 2024 veremos se é desta que o futebol regressa a casa, depois de um triunfo no Mundial 1966 que continua a ser o único do país que diz ter inventado o futebol.

Arbitragem

O jovem François Letexier não contava apitar a final do Euro 2024

Nuno Sousa

Há dias, François Letexier recebeu um telefonema de Roberto Rosetti, director de arbitragem da UEFA, com uma pergunta nestes moldes: "Estás à espera de alguma coisa?" Alguma coisa, neste caso, seria uma nomeação, claro está. Ora, tendo em conta que estamos nos últimos capítulos do Euro 2024 e que o árbitro francês não tem nenhuma final deste calibre no currículo, a resposta foi não. Se não estava à espera, agora já está.

Letexier foi o árbitro escolhido para apitar a final do Campeonato da Europa que termina neste domingo, no Estádio Olímpico de Berlim, com um embate entre Espanha e Inglaterra (20h). Aos 35 anos, vai viver o momento mais alto da carreira. Aos 35 anos, tornar-se-á também no mais jovem de sempre a dirigir o encontro de atribuição do troféu nesta competição.

Num campeonato que nos tem brindado com a emancipação de talentos precoces, como o de Lamine Yamal, ou com a confirmação de outros, como Jamal Musiala ou Arda Guler, por exemplo, a arbitragem também é bem-vinda a bordo da carruagem da juventude. Independentemente da idade, o árbitro nascido na pequena localidade de Bédée, na Bretanha, encara a nomeação com orgulho e responsabilidade.

"Claro que é uma grande honra e satisfação ser escolhido para este jogo. Foi uma surpresa, porque tenho procurado apenas manter-me concentrado, dia após dia, ao longo do torneio, e não estava à espera de algo tão grandioso", confessou, ao *site* da UEFA.

Quarto árbitro na abertura

Letexier entrou em acção logo no jogo inaugural, em Munique. Nesse Alemanha-Escócia, desempenhou a função de quarto árbitro e confessa que a experiência foi importante numa perspectiva de aclimatação. "Num torneio destes, há tantos aspectos diferentes de um jogo normal ou de um campeonato, por isso, ter sido quarto árbitro foi positivo. A pressão reduziu-se um pouco e pude ver como tudo funciona. Isso ajudou-me a controlar as emoções."

Como é evidente, e apesar dos 35 anos, o juiz francês está longe de ser um novato nestas andanças. Em matéria de finais, apitou há semanas a da Taça de França (e já o tinha feito também na edição de 2020/21), bem como a Supertaça Europeia da época passada e a final da UEFA Youth League em 2018/19 – curiosamente, um jogo em que o FC Porto venceu o Chelsea, por 3-1, arrebatando o troféu. Agora, sobe mais um degrau.

"Foi uma conversa rápida", apontou, a respeito do telefonema de Rosetti. "Ele foi directo ao assunto. Perguntou-me se eu estava à espera de alguma coisa, eu respondi que não e ele disse-me logo que eu iria apitar a final. Foi isso." Poucas palavras para muita responsabilidade, para uma missão tão marcante. Tão gratificante, na verdade, que Letexier se apressou a informar os assistentes, Cyril Mugnier e Mehdi Rahmouni.

Foi com eles que dirigiu, já na Alemanha, os jogos da fase de grupos entre Croácia e Albânia (2-2) e entre Dinamarca e Sérvia (0-0), bem como o encontro entre Espanha e Geórgia (4-1) relativo aos oitavos-de-final. E tem sido com eles que tem feito esta caminhada na alta-roda do futebol, a partir de França e irradiando para o resto do mundo. "Fiquei contente e surpreendido ao mesmo tempo e cheio de pressa de partilhar a notícia com os meus assistentes. É uma recompensa para a equipa. Trabalhamos juntos há oito anos e temos uma longa história", assinalou.



Árbitro e... oficial de justiça

Pai de uma criança de três anos, terá posteriormente de explicar melhor ao filho a importância do acontecimento. Para já, Letexier quer concentrar-se no jogo, em todas as suas dimensões. "É um evento enorme, muito emotivo para os jogadores e para os adeptos, por isso temos de esperar o inesperado." Isto do ponto de vista do controlo das operações, porque fisicamente a preparação tem vindo a ser feita regularmente com os preparadores físicos da UEFA ao longo do último mês.

Para quem começou na arbitragem aos 14 anos, é um salto qualitativo e tanto... O primeiro jogo no principal escalão francês chegou em 2016, um ano antes de assegurar o estatuto de árbitro internacional, na qualificação para o Europeu de sub-19, num Suécia-Bélgica. A partir daí, tem sido sempre a subir – e neste trajecto teremos de incluir o papel de quarto árbitro desempenhado no passado dia 1 de Junho, na final da Liga dos Campeões, entre Borussia Dortmund e Real Madrid (0-2).

Mesmo conjugando a função de árbitro de elite com a de oficial de justiça, Letexier tem conseguido afirmar-se sustentadamente no futebol. Com a ajuda de muita gente desde que colocou o apito ao peito pela primeira vez, naturalmente, mas com Bertrand Layec à cabeça. Um mentor, alguém que acreditou no seu potencial quando nem ele próprio era capaz de o vislumbrar, alguém que lhe fez subir os níveis de autoconfiança.

Para chegar a este nível, a auto-estima é decisiva, bem como a preparação detalhada para cada jogo. E é isso que o francês e a sua equipa têm feito nos últimos dias. "O aspecto táctico, vamos olhar para as equipas e para a forma como devemos adaptar o nosso posicionamento. As pessoas podem não saber, mas preparamo-nos para antecipar uma série de cenários, para que possamos estar prontos para dirigir o jogo." E esta é uma daquelas oportunidades que não se podem desperdiçar.

Rótulos, com mais ou menos cola

Análise



Nuno Sousa

No futebol, há-os para todos os gostos. Favoritos, candidatos, *underdogs*, surpresas, desilusões, o que quiserem. E se os há antes sequer do tiro de partida, não há razão para nos vermos livres deles com a meta à vista. Esta noite, em Berlim, diante de Inglaterra, Espanha é favorita, com todas as letras do rótulo. O que não quer dizer que ria melhor no fim.

Argumentos a favor desta tese: Espanha é a selecção com a proposta de jogo mais cativante do Europeu, é a selecção com menos oscilações de rendimento, é a selecção com mais irreverência no último terço, é uma selecção que recupera dois jogadores importantes na defesa (Dani Carvajal e Le Normand) para esta final, é uma selecção com egos que (por enquanto) cabem dentro de um balneário.

Argumentos contra esta tese: Inglaterra tem mostrado mais resistência do que o grafeno, é uma selecção que espreme o jogo até ao derradeiro segundo, é uma selecção com pouca (ou nenhuma) pressão depois da caminhada titubeante até à final, é uma selecção que faz pouco mas também permite pouco, é uma selecção que, apesar de tudo, entrará em campo como vice-campeã da Europa.

Para que possamos aplicar um pouco mais de cola no rótulo dedicado a Espanha, podemos acrescentar umas camadas de história. Nas últimas cinco edições do Europeu, atinge a final pela terceira vez – e conquistou as outras duas (1-0 à Alemanha, em 2008, e 4-0 a Itália, em 2012) – e pela quinta ocasião desde a criação do torneio – só perdeu uma, com a França, em 1984. Inglaterra, como sabemos, nunca levantou o troféu.

Isto é a máquina da lógica a funcionar. Só que o desporto de alta competição é toda uma batedeira em movimento, com salpicos de imprevisibilidade, como os que mancharam as camisolas de Portugal no Euro 2004 (frente à Grécia) ou da França no Euro 2016 (frente a Portugal) – só para citar as nódoas mais frescas. E essa pincelada de cola, dê por onde der, estará sempre ao alcance de uma qualquer Inglaterra.

Desporto

Breves

Futebol internacional

Mehdi Taremi oficializado como reforço do Inter Milão

Mehdi Taremi foi ontem apresentado como reforço do Inter Milão. A transferência aguardava só a oficialização, tendo o avançado assinado um contrato válido até 2027. Depois de quatro temporadas no FC Porto, Taremi fechou um ciclo em Portugal com uma saída a custo zero. "Orgulhoso" por assinar pelo Inter e por se tornar no primeiro jogador iraniano da história do clube, Mehdi Taremi, de 31 anos, garante estar preparado para o desafio. "A Série A é uma das ligas mais prestigiadas do mundo. Tentarei fazer o meu melhor, como sempre fiz." Taremi é o sexto reforço do Inter para a temporada 2024/25, depois de Davide Frattesi, Carlos Augusto, Josep Martínez, Marko Arnautovic e Piotr Zielinski.



Futsal

André Coelho deixa o Barcelona e regressa ao Benfica

O internacional português André Coelho está de volta a Portugal e ao Benfica, depois de quatro épocas ao serviço do futsal do Barcelona. O fixo, de 30 anos, descreve-se, em declarações à BTV, como "um jogador mais maduro e mais versátil" e garante que sempre foi um objectivo regressar à Luz. "Sou apenas mais um que vem para dar tudo pelo Benfica, para ajudar esta equipa a voltar aos títulos", acrescentou. André Coelho é o terceiro reforço das "águias" para 2024/25, depois de André Correia (ex-Leões de Porto Salvo) e de Raul Moreira (ex-Caxinas). Por definir está ainda o novo treinador, que sucederá a Mário Silva.

Benfica desbaratou na segunda parte o que construiu na primeira

Nuno Sousa

Empate diante do Celta de Vigo (2-2) após uma noite em que o reforço Pavlidis voltou a mostrar serviço no ataque, com dois golos

Dois jogos de preparação serão sempre indicadores muito curtos para tirar ilações válidas, mas já permitem deixar algumas pistas. Uma delas é que Vangelis Pavlidis está a aproveitar os primeiros minutos como jogador do Benfica para marcar posição. Ontem, diante do Celta de Vigo, apontou os dois golos num empate das "águias" (2-2) marcado por duas metades distintas.

Em Águeda, os "encarnados" fizeram o segundo jogo em dois dias e, por isso, Roger Schmidt promoveu algumas alterações no "onze" (saíram Florentino, Leandro Barreiro e Marcos Leonardo, entraram João Mário, Rollheiser e Prestianni). O adversário, com uma linha defensiva de cinco unidades, levantou problemas distintos dos gerados pelo Farense, mas o Benfica deu conta do recado no primeiro tempo.

Com mais iniciativa, mais bola, capacidade de circular e de jogar a um/dois toques, as "águias" chegaram à vantagem com naturalidade aos 13', num penálti sobre Aursnes convertido por Pavlidis. Cinco minutos depois, estiveram perto de ampliar, quando o avançado grego serviu Neres para um remate frontal, mas o 2-0 chegaria mesmo, aos 28', com os protagonistas invertidos: assistência de Neres e finalização de classe de Pavlidis.



MANUEL FERNANDO ARAUJO/LUSA

Pavlidis marcou três golos em dois jogos nesta pré-época

Pelo meio, Samuel Soares (nem sempre seguro) ainda acumulou um par de erros e outro de boas defesas, mas o Benfica foi mesmo para o intervalo na frente, já a antecipar a revolução que é típica deste período da temporada e que já tinha experimentado diante do Farense.

Desta vez, porém, com o Celta a mostrar mais qualidade com bola, especialmente depois da entrada de Iago Aspas, as "águias" sentiram mais dificuldades. Fruto de uma defesa construída na equipa B (André Gomes, Leandro Santos, Gustavo Marques, Bajrami e Parente) e com menos experiência a este nível, a factura chegou em quatro minutos.

Aos 70', Aspas aproveitou uma bola morta à entrada da área e reduziu; aos 74', Pablo Duran, dentro da área, atirou rasteiro para o 2-2, aproveitando a passividade da defesa.

Schjelderup, um dos mais inconformados, já tinha assustado antes e voltou a protagonizar um lance de perigo depois da igualdade, tendo Marcos Leonardo também disposto de uma boa ocasião para finalizar.

Mas a equipa já não tinha o mesmo equilíbrio e controlo dos tempos do jogo que evidenciara na primeira parte e já não iria além do empate, que acaba por ilustrar uma mudança significativa de rendimento da primeira para a segunda metade.

No calendário de preparação, segue-se o Brentford, no próximo dia 25, no Estádio da Luz.

FC Porto mantém chapa quatro nos jogos de preparação

A preparação da equipa de futebol do FC Porto para a temporada 2024/25 prosseguiu ontem com um triunfo robusto sobre o Nacional da Madeira (4-1), num jogo disputado à porta fechada, no centro de treinos do Olival. É a terceira vez que os "dragões" chegam aos quatro golos nesta pré-época.

De acordo com a informação avançada pelo clube, foram Galeno, Fran Navarro, Gonçalo Borges e André Franco os autores dos golos do FC Porto, que utilizou o seguinte "onze" inicial: Samuel Portugal, Gabriel Brás, Fábio Cardoso, Otávio, Gonçalo Sousa, Marko Grujic, Romário Baró, Iván Jaime, Gonçalo Borges, Galeno e Fran Navarro.

Indisponíveis continuam Ivan Marcano (trabalho de ginásio e tratamento), Zaidu (treino condicionado), Martim Fernandes (tratamento) e David Carmo (gestão de esforço), enquanto Eustáquio (ao serviço da selecção do Canadá), Diogo Costa, Francisco Conceição (estiveram no Euro 2024), Wendell, Pepê e Evanilson (estiveram na Copa América) ainda não regressaram ao activo.

O FC Porto volta ao trabalho amanhã de manhã, no Olival, viajando durante a tarde para Bad Tatzmannsdorf, na Áustria, onde prosseguirá um estágio em que já realizou três jogos, todos eles com vitórias. Antes do 4-1 ao Nacional, os "dragões" tinham vencido o Desp. Chaves, por 4-0, e a Sanjoanense, pelo mesmo resultado.

Argentina e Colômbia decidem Copa América

Augusto Bernardino

Argentina e Colômbia decidem na próxima madrugada (01h, Sport TV), em Miami (EUA), a 48.ª edição da Copa América, competição marcada por polémicas, como a das agressões entre adeptos colombianos e jogadores uruguaios nas meias-finais... que a cerimónia de encerramento, com um espectáculo de Shakira, tentará ultrapassar.

A Colômbia, dos ex-portistas James Rodríguez, Quintero, Uribe e Luis Díaz – imbatível há 28 jogos (desde a derrota com a rival "albiceleste" na fase de apuramento para o Mundial do Qatar) –, quer quebrar um jejum de 23 anos e suceder à própria Argentina, detentora do título, garantindo, assim, a conquista da segunda Copa América da história "cafetera".

Da final de Bogotá, em 2001, com o México, resolvida com um golo do defesa Iván Córdoba (conquistou cinco *scudettos* nas 13 épocas ao serviço do Inter Milão), emana uma força que não deve ser ignorada.

Atenta, a actuar nos domínios de Messi (no mesmo estádio onde bateu o Peru, na fase de grupos), a Argentina dos benfiquistas Di María e Otamendi espera poder repetir o sucesso de 2021, o que lhe conferiria o estatuto de recordista da competição, com 16 troféus, demarcando-se do Uruguai. Messi alerta para a qualidade da Colômbia, que nos últimos 13 jogos venceu 12 (com Espanha e Brasil entre as vítimas) e empatou um (Brasil, há 11 dias), pelo que disputará a sua terceira final do torneio – depois da derrota com o Peru, em 1975, e do já referido triunfo com o México em 2001 – com a mesma "fome" com que a Argentina pôs fim a 28 anos de travessia do deserto (entre a 14.ª e a 15.ª conquistas).



Di María é uma das figuras da selecção da Argentina, que procura conquistar o 16.º troféu

Até porque, apesar da evidente superioridade dos argentinos nos confrontos directos em quatro dezenas de jogos com os colombianos (com 20 vitórias e 9 derrotas), os campeões do Mundo sabem melhor do que ninguém que em 2021 poderiam ter-se despedido da Copa América nas meias-finais, num jogo com a Colômbia (1-1) desempatado com recurso à marcação de penáltis, fase em que Emiliano Martínez se destacou na baliza argentina, com três defesas e algumas provocações aos adversários. Um cenário que não poderá ser descartado nesta final.

O melhor dia da vida de Krejcikova chegou

Pedro Keul

A checa, que já vencera em Roland Garros em 2021, é a oitava campeã diferente nas últimas oito edições do torneio de Wimbledon

Barbora Krejcikova já tinha conquistado um título do Grand Slam em singulares e tudo o que havia para vencer em pares femininos: sete troféus repartidos pelos quatro *majors*, WTA Finals, medalha de ouro olímpica e número um no ranking da especialidade, além de mais três "Slams" em pares mistos. Mas o título em Wimbledon era aquele que a tenista checa mais desejava oferecer à sua mentora, Jana Novotna.

Ao derrotar na final a italiana Jasmine Paolini (7.ª no ranking), por 6-2, 2-6 e 6-4, Krejcikova sucede no palmarés da prova britânica às compatriotas Martina Navratilova (campeã nove vezes), Jana Novotna, Petra Kvitova (duas vezes) e a vencedora do ano passado, Marketa Vondrousova, mas é a primeira checa a conquistar os títulos de singulares em dois *majors* diferentes, após o triunfo em Roland Garros, em 2021.

"Foi um momento muito emocional ver o meu nome ao pé do dela [Novotna] no quadro de vencedoras. Penso que ela iria estar orgulhosa, muito entusiasmada porque Wimbledon era muito especial para ela. Jana foi quem me disse que eu tinha potencial e que devia tornar-me profissional", revelou Krejcikova, recordando a compatriota, a cuja porta de casa bateu, em 2014, entregando-lhe uma carta a pedir ajuda para a carreira.

Desde esse dia em Omice — perto de Brno, cidade natal de ambas — a carreira de Krejcikova, então com 18 anos, nunca mais foi a mesma. Para surpresa da tenista, Novotna ofereceu-se para viajar com ela, mas a parceria terminou em 2016, quando a saúde de Novona piorou: um cancro nos ovários viria a causar-lhe a morte no ano seguinte. As últimas palavras de Novotna para a atleta foram: "Vai ganhar um Grand Slam."

TOLGA AKMEN/EPA



Krejcikova juntou ao palmarés de pares mais um título de singulares

Em Wimbledon, a tarefa foi difícil desde a primeira ronda, em que precisou de três *sets* e três horas para ultrapassar Veronika Kudermetova (38.ª). E a partir da quarta ronda teve de superar adversárias com melhor ranking: Danielle Collins (11.ª), Jelena Ostapenko (14.ª), Elena Rybakina (4.ª) e Paolini (7.ª), as duas últimas em três *sets*. Nesta quinzena, Krejcikova ganhou tantos encontros quantas as vitórias que tinha somado antes de Wimbledon, numa época fustigada por problemas físicos que a obrigaram a parar durante dois meses e a chegar a Londres com somente dois encontros ganhos desde Abril.

A confiança foi subindo ronda a ronda, mas no derradeiro encontro a experiência de tantas finais já disputadas em Grand Slams fez a diferença, em especial, no tenso terceiro *set*. Krejcikova adiantou-se para 4-3, graças a uma dupla falta da italiana, vantagem confirmada com um jogo de serviço em branco.

"No terceiro *set*, acreditei que se servisse bem e esperasse pelas minhas oportunidades, iria acontecer. Só pensava: 'Sê corajosa'", contou Krejcikova.

Pogacar autoritário nos Pirenéus, Vingegaard e Evenepoel cedem

Augusto Bernardino

Tadej Pogacar (UAE) venceu ontem a 14.ª etapa da Volta a França, no primeiro de dois dias duríssimos nos Pirenéus. Uma tirada de 151,9 quilómetros com partida em Pau e chegada a Saint-Lary-Soulan Pla d'Adet que deu ao líder do Tour a possibilidade de amealhar segundos que podem vir a ser importantes na discussão com Jonas Vingegaard e Remco Evenepoel.

Pogacar ganhou 39 segundos (mais 4 de bonificação) a Vingegaard e 1m10s a Evenepoel, ampliando para quase dois minutos a vantagem para o segundo na classificação geral. Tabela onde o português João Almeida (UAE) segurou o quarto lugar (a 6m01s do líder), apesar de ter perdido 12 segundos (tem agora oito de vantagem) para Carlos Rodríguez (INEOS), que terminou a etapa em quarto, a 1m19s de Pogacar.

O dia teve uma fuga de 15 ciclistas que o português Rui Costa (EF Education) integrou, mas que a dureza do Tourmalet — onde Oier Lazkano (Movistar) foi mais forte — acabou por reduzir a cinco no alto de Hourquette d'Ancizan, reservando para a última escalada o maior pico de adrenalina.



Tadej Pogacar

A corrida dos candidatos começaria mais a sério no ataque ao Pla d'Adet, quando Ben Healy (EF Education) já se destacara dos companheiros de fuga, dispondo de pouco mais de um minuto de vantagem para o grupo do camisola amarela. Tempo insuficiente para fazer vingar a escapada.

A cerca de nove quilómetros da meta, João Almeida (UAE) endureceu o ritmo, tendo o companheiro de equipa Adam Yates atacado dois quilómetros depois. Yates tinha uma missão que não passava simplesmente por alcançar Ben Healy, o que se verificou a 4,5 quilómetros da meta. Nessa altura, Tadej Pogacar acabara de lançar o ataque fulminante, juntando-se rapidamente ao companheiro. No final, o vencedor do Giro e líder do Tour disse que foi puro instinto e não estratégia, como tudo parecia indicar.

Por impulso ou não, o líder deixou Vingegaard e Remco Evenepoel para trás, beneficiando da ajuda momentânea de Adam Yates para ganhar terreno ao dinamarquês, enquanto Evenepoel perdia a roda de Vingegaard (e o segundo lugar da geral), deixando a discussão da etapa aos dois da frente.

O ritmo imposto por Pogacar ficou bem expresso no tempo recorde em que foi feita a subida, retirando quase dois minutos ao anterior, sendo que nesta edição havia mais duas centenas de metros para percorrer.

Assim, Vingegaard pouco pôde fazer para conseguir anular ou encurtar a diferença para o rival, que assegurou a segunda vitória nesta edição do Tour, depois do triunfo na quarta etapa e dos dois segundos lugares na sétima e na 11.ª tiradas.

BARTOON LUÍS AFONSO



A arte contemporânea pode ser uma festa

Não é o fim do mundo



Pedro Adão e Silva

Poucos campos captam com tanta exatidão a vibração de uma sociedade como a criação nas artes visuais. A este propósito, há um fio cronológico que une cinco exposições patentes no verão e que são um convite a compreender as últimas décadas da sociedade portuguesa, enquanto nos confrontam com uma realidade estética estimulante.

Na Casa das Histórias, em Cascais, celebra-se Paula Rego, revisitando a sua primeira exposição, em 1965, na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Exercício singular – a remontagem de uma exposição com 60 anos –, é também uma forma de compreender como a energia do gesto e os temas que marcaram o percurso de Paula Rego estavam inscritos desde o início – o compromisso cívico; o lugar da mulher; uma visão onírica e fantasmagórica da realidade. Este "Manifesto", com curadoria de Catarina Alfaro, de olhos postos num passado que nos parece distante, revela a atualidade do trabalho inicial de Paula Rego (por vezes menos conhecido) e uma estética visceral e deslumbrante.

No Porto, duas exposições com a curadoria detalhada de Miguel von Haffe e que ganham em ser visitadas em conjunto: em Serralves, "Pré/Pós – declinações visuais do 25 de Abril" e, no renovado Soares dos Reis, "CAC 50 anos – a democratização vivida". Duas mostras que retratam um país a fervilhar, com a criação artística, nuns casos, a antecipar a emancipação revolucionária, noutros, a ecoar a libertação que se seguiu.

Em Serralves, ao longo de mais de 300 peças, muitas delas esquecidas, temos uma oportunidade única para refletir sobre um período pleno de contradições no modo como a arte interagiu com a sociedade e com a política, entre o conceptual e o panfletário, e invariavelmente a explorar os limites dos meios. Já no Soares dos Reis, é recordado um momento performativo de significado profundo para os caminhos museológicos da arte contemporânea: "O enterro do Museu Soares dos Reis", a 10 de junho de 1974, e que esteve na génese do CAC – Centro de Arte Contemporânea, embrião do que mais tarde viria a ser Serralves. A mostra combina a revisitação de exposições da segunda metade da década de 70 com documentos gráficos da época.

RUI GAUDÊNCIO



> **Imperdível uma visita demorada à peça deslumbrante de Isabel Cordovil**

Em Lisboa, na antiga Mitra, um dos artistas maiores do período democrático, Pedro Cabrita Reis, oferece uma proposta singular: uma retrospetiva individual, colossal e com curadoria do próprio. Um "Atelier" maior do que a vida toda. São infindáveis os discursos, os meios e o simbolismo da obra de Cabrita. Como se não fosse suficiente, há em tudo o que faz uma grandiloquência e uma ambição que, de tão pouco portuguesas, não podem deixar de merecer o elogio. Um verdadeiro excesso estético, pleno de vigor poético e com a ambição de procurar uma qualquer verdade. São precisas várias horas para calcorrear este "percurso" expositivo. Dificilmente haverá, nos próximos tempos, outra exposição de um artista português capaz de produzir este efeito em quem a visita.

Para o fim, a FARRA que se vive em Elvas. Por iniciativa do incansável António Cachola, uma verdadeira festa da arte contemporânea. Com o Museu de Arte Contemporânea de Elvas como centro nevrálgico, onde está patente uma exposição da coleção do Estado, por toda a cidade é possível descobrir cerca de 30 propostas de colecionadores privados (uma forma de reconhecer o papel crucial destes no estímulo à criação). Entre muitas propostas, destaca-se, uma vez mais, o critério com que Ana e António Albertino mostram as peças da sua coleção e a coleção Norlinda e José Lima, no Forte da Graça. Imperdível uma visita demorada à peça deslumbrante de Isabel Cordovil, comissionada por António Cachola. A arte contemporânea é uma festa.

Colunista